

# MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Colgate: o que te faz sorrir? (PCSH / CN)

## Secretária exemplar

História de [Zilda Lourenço](#)

Autor:

Publicado em 00/00/0000

---

Projeto Conte sua História  
Depoimento de Zilda Lourenço  
Entrevistada por Lila Schnaider e Márcia Trezza  
São Paulo, 27/06/2017  
Realização Museu da Pessoa  
PCSH\_HV572\_Zilda Lourenço  
Transcrito por Liliane Custódio  
Revisado por Viviane Aguiar

P/1 – Zilda, nós vamos começar a entrevista. Fale o seu nome completo.

R – De solteira ou de casada?

P/1 – O atual.

R – Zilda dos Santos Coelho Lourenço. O Lourenço era do marido.

P/1 – Que dia você nasceu?

R – 6 de julho de 1945.

P/1 – E onde?

R – São Paulo, capital.

P/1 – Qual o nome dos seus pais?

R – Alberto dos Santos Coelho e Rosa Vaz Coelho.

P/1 – E a atividade deles?

R – Meu pai era açougueiro, ele tinha um açougue. Minha mãe trabalhava com ele. E, depois que ele morreu, ela foi trabalhar em indústria.

P/1 – Fecharam o açougue?

R – É.

P/1 – Seu pai faleceu, você era pequena?

R – Tinha um ano e meio.

P/1 – Um ano e meio. E você ouviu algumas histórias sobre ele?

R – Muitas. A minha mãe conta que eu morava... Depois que ele faleceu, a gente ficou na mesma casa. E a minha mãe disse que ele tinha um costume: ele chegava, ia para o banheiro, eu ficava batendo na porta, ele ficava assoviando lá dentro, respondendo assoviando. E diz que eu fiz isso várias vezes, e ninguém respondia, claro. Meu tio, coitado, achou que estava fazendo uma coisa por bem: quando eu bati, ele assoviou, eu fiquei superfeliz, mas no fim não era o meu pai, era o meu tio.

P/1 – E da sua mãe, que lembranças de infância você tem dela?

R – A minha mãe, ela sempre foi muito rígida, ela trabalhava muito, trabalhava longe. Antigamente tudo era longe. Depois disso que aconteceu, que eu te contei do meu pai, a minha mãe quis sair da casa pra ver se passavam as lembranças. Nós fomos morar com a minha avó, mãe da minha mãe. Uma irmã da minha mãe, a minha tia, arrumou lugar pra minha mãe trabalhar no Brás, parece que era. Agora, você imagina, do Jabaquara ao Brás antigamente, com a condução péssima e tudo. Então, ela vivia entre a ida e a vinda e o período que passava lá. Às vezes, ela chegava, eu já estava dormindo. Então, eu lembro que ela era assim: ao mesmo tempo que ela era uma mãe maravilhosa, ela era muito brava. Não sei se ela tinha medo que... Sei lá, qualquer coisa que a minha avó contasse: “Olha, hoje a Zilda fez isso.” “Por que você fez isso?” Já ficava brava.

P/1 – Antes de morar no Jabaquara, você morava onde?

R – No Jardim Paulista, ali na... Eu não lembro, minha mãe que falava. Nossa, fugiu o nome. Floriano... Não, Joaquim Floriano. Joaquim Floriano.

P/1 – Mas você tem lembranças da casa em que você morava com a sua avó?

R – Com a minha avó sim, a outra não. A outra, eu era muito pequena, não lembro nada. E do meu pai, eu só lembro porque eu vejo foto, mas me lembrar da pessoa, o que acontecia, não lembro nada também. Era muito cedo.

P/1 – E dessa casa que você morou com a sua avó, como era a rotina? O que vocês faziam lá?

R – A minha avó era portuguesa, brava que só ela. Eu não sei por que antigamente eles achavam que tinham que ser bravos para os filhos obedecerem.

P/1 – (risos)

R – E era uma casa muito grande. Era uma casa comprida. Eu lembro que era uma casa bem comprida. Então, na parte da frente, morávamos eu, minha mãe e minha avó, e tinha outra parte. Era a mesma casa, dividida, era uma porta, que tinha outros cômodos, que moravam uma irmã da minha mãe, ela, o marido e três filhos. Mas todo mundo morava perto. Eu tinha outra tia que morava acho que umas duas ruas acima. Mas isso ficou anos. Eu casei, a minha tia ainda morava lá. E essa que morava na casa da minha avó, depois construíram uma casa, tudo perto. A família era um círculo ali, tanto é que quando... Não sei se eu vou pular.

P/1 – Pode sim. Não, pode falar.

R – Quando eu casei, eu trabalhava na Colgate, meu marido também. Depois, quando eu fiquei esperando a minha primeira filha, eu saí da Colgate, mas ele continuou, claro. Então, a gente morava no Jabaquara também, na Avenida do Café, e não tinha carro. Naquela época, era tudo mais difícil. Ele levantava cedinho, pegava ônibus. Agora falam o Diógenes Ribeiro de Lima, antigamente eles falavam Estrada da Boiada. Depois descia na Lapa, pegava outro ônibus pra pegar outro ônibus pra ir pra Jaguaré. Um dia, ele falou que ele queria mudar pra Jaguaré, porque estava muito difícil a vida dele, porque, à noite, ele saía da Colgate, ainda ia estudar e chegava em casa perto da meia-noite. Então, ele queria poupar a viagem. E eu lembro que, quando eu comecei a vir pra Jaguaré, pra ver as casas que ele queria comprar, eu não gostava de nenhuma, mas eu não gostava porque eu não queria sair de lá. Um dia ele ficou muito bravo comigo, falou assim: “Olha, não tem mais casa pra te mostrar. Eu já mostrei mais de 20. Eu vou mudar. Eu vou pra Jaguaré. Agora você resolve o que você quer fazer.” (risos) Adivinha se eu fui?

P/1 – E que lembrança você tem, Zilda, dessa época no Jabaquara, que você era tão apegada?

R – Era bom porque, por exemplo, eu sabia que, vamos dizer, eu tinha a Flávia, que era a mais velha. Eu a punha no carrinho depois do almoço, andava um pedacinho pra cá, outra rua pra cá, estava na casa da minha tia, passava a tarde com ela. Às vezes, eu ia pra casa da outra tia, que era outra rua, mas tudo muito perto. E, como minha casa ficava onde todo mundo passava, à tardezinha, à noite, todo mundo às vezes vinha do serviço, dava uma passadinha em casa. Então, eu tinha muito contato com todos eles. O contrário de quando eu fui pra Jaguaré. Eu lembro que eu mudei pra Jaguaré no feriado, acho que 21 de abril. Passou mais ou menos uma semana, apareceu uma tia minha que morava lá, a tia Maria, irmã da minha mãe, com o neto dela. Quando eu vi que era a minha tia, eu não acreditava, porque pra mim Jaguaré era outra cidade, era o fim do mundo. E eu chorei tanto, abracei, falei: “Nossa, que coisa boa vocês aqui!” Imaginava que eles não fossem pra lá nunca, porque eu achava longe. Depois, com o tempo, isso foi virando uma rotina e você vai vendo que não é tão longe.

P/1 – E as pessoas iam te visitar.

R – Também iam. Também iam.

P/1 – E, quando você era criança, que brincadeiras vocês tinham? Você convivia com os primos?

R – Sim, com os primos. Antigamente não tinha essa de perigo, de nada. A nossa rua não era asfaltada e tinha muitos vizinhos também que tinham a nossa idade. Então, ou a gente ficava no meio da rua brincando de pega-pega, de tudo quanto são essas coisas de criança. E quando chovia (risos), todo mundo ia pra chuva e ficava pisando lá na lama. A minha avó ficava tão brava comigo que, nossa! Os outros tinham o pai e a mãe ali, mas a minha avó se sentia muito responsável, porque a minha mãe estava trabalhando. Como ela ia dizer pra minha mãe que eu tinha ficado doente porque eu fiquei na chuva?

P/1 – E você se lembra de alguma história com seus amigos ou seus primos na rua que foi marcante?

R – Uma. Antigamente falavam que... Como eles falavam? Fulano era... Que tinha tarado, homem do saco, eu não lembro a expressão usada. E um desses amigos nossos tinha uns tios que já conheciam a gente, só que a gente... Estava eu e mais um primo meu, os dois pequenos, na rua, brincando como sempre, e eu não lembrava que eles eram conhecidos. Não sei se meu primo lembrou ou não, eu sei que eles começaram a conversar, e meu primo foi dando trela. Eu gritava: “Norival, Norival, vamos embora, é tarado, é tarado!” (risos)

P/1 – (risos)

R – Eu tinha uma bonequinha que o corpo dela era de tecido e a cabeça de pano. Nessa correria, a minha boneca caiu, quebrou a cabeça e eu chorei demais. Depois, quando eu soube que eram parentes ali de amigos nossos, eu fiquei morrendo de vergonha, mas não muita, porque ainda era criança, não dava muita bola pra isso. Mas foi uma coisa que eu nunca esqueço, até hoje a gente comenta isso.

P/1 – E a bonequinha?

R – A bonequinha ficou na história.

P/1 – E brinquedos? Você falou da bonequinha, como eram os brinquedos, as brincadeiras, além de correr, de brincar na rua?

R – Não tinha muito essa de... A gente não tinha tantos brinquedos como as crianças de hoje têm.

P/1 – Tinha algum especial, de que você gostava muito?

R – A gente brincava de casinha, e as panelinhas nossas a gente até inventava, porque não é que tinha que nem hoje, que você compra aquelas panelinhas bonitinhas, xicarzinhas bonitinhas. E os matinhos que a gente recolhia eram a nossa comidinha. Era uma coisa bem simples, mas muito gostosa.

P/1 – Depois você foi crescendo nessa mesma casa?

R – Fui.

P/1 – E que mudanças você foi sentindo?

R – Que mudanças?

P/1 – É. Quando você foi crescendo nessa casa.

R – Então, a primeira mudança foi que aquela tia que te falei, que morava na mesma casa, foi morar na casa dela, mas tudo era perto. Mas eu tinha uma amiga que morava na mesma rua que a gente, tinha muita amizade, e eu lembro que ela tinha um irmão, que eu adorava aquele irmão dela. Aí ela falava assim pra mim, a Dona Olívia, que era a mãe da minha amiga, ela falava assim: “Olha, vocês estão começando a pensar em namorar. Vocês têm que saber que, pra namorar, vocês têm que aprender fazer serviço de casa, não é só namorar. Vocês têm que saber lavar roupa, vocês têm que saber cozinhar.” Tá. Naquela época não tinha máquina de lavar roupa. Então, um dia, eu e a filha dela... E também não tinha água encanada, a gente tinha que pegar água do poço – “sarilho” que chamava, uma coisa assim – e enchia os tanques. E minha mãe, minha mãe e minha avó tinham mania de ferver roupa. Punham numa lata grande, ferviam, depois punham na grama pra ficar branquinho, que eles falavam “quarar a roupa”. E eu lembro que eu e a Loca, essa minha amiga, fizemos tudo isso. Pusemos a roupa, até ferver nós fervemos. Aí, estava estendida, nós fomos mostrar pra ela: “Olha, Dona Olívia, olha lá, já pode namorar?” “É, precisa aprender a lavar melhor, mas já pode começar a pensar nisso.”

P/1 – E você acabou namorando-o?

R – Não. Não, porque eu comecei a trabalhar muito cedo. Eu entrei na Colgate em janeiro de 61. Espera aí. É. Em janeiro de 61. Em abril de 61, eu comecei a namorar meu marido, que já trabalhava na Colgate.

P/1 – E foi seu primeiro namorado?

R – “Namorado, namorado”, porque antigamente qualquer bobeirinha você falava namorado, mas não era, porque não tinha nada. E o primeiro namorado realmente foi ele.

P/1 – E essas bobeirinhas, você se lembra de alguma assim?

R – Então, esse do filho da Dona Olívia, aquela paixão platônica, que acho que ele nem sabia que eu existia, sei lá.

P/1 – E passeios, antes ainda de entrar na Colgate? Vocês faziam passeios, Zilda?

R – Os passeios eram bem diferentes dos de hoje.

P/1 – Como eram?

R – Agora chama Jardim Botânico, naquela época a gente falava Parque do Estado. E de onde eu morava, lá na casa da minha avó, até o Parque do Estado, tinha umas quebradas que a gente ia, ia cortando caminho, quando via já estava lá. Passava o dia lá, ou a tarde, vamos falar. Voltávamos a pé do mesmo jeito. Era o maior passeio pra gente. E o dia, então, que a gente resolvia fazer piquenique, levava cestinha com lanche, isso era muito gostoso.

P/1 – Vocês iam com as famílias ou só as crianças?

R – Não. Não tão crianças. Os meus primos mais velhos iam junto, mas também nada muito adulto, porque antigamente você não ouvia falar de tanto perigo como hoje.

P/1 – Descreva um dia desse piquenique pra gente. Você lembra?

R – Deixe-me pensar.

P/1 – Vocês lá fazendo esse piquenique.

R – Ah, mas nós... Era tão rotina, porque era o que mais tinha pra fazer.

P/1 – Vocês levavam as coisas?

R – Nem sempre. Às vezes, a gente almoçava, depois ia, e às vezes a gente levava lanche. E aí era a maior festa, imagina. “Nós fomos fazer piquenique lá no Parque do Estado!”, a gente falava. E era muito gostoso. E também, às vezes, quando era época de Carnaval, uma coisa que eu lembro bem, toda essa meninada, vizinhos, primos, tal, a gente ia. Naquela época tinha o Cine Estrela, que eu nem sei se ainda existe, lá na Praça da Árvore, e todos nós íamos pra lá. Eu tenho dois primos que eles não cresceram muito, então, eles ficavam superbravos, principalmente o mais velho, porque eu era grandona, eles me punham do lado dos maiores. E meu primo, que já tinha idade pra ficar lá, botavam-no do lado das crianças. Essa é uma das coisas que eu também lembro bem.

P/1 – Você lembra a primeira vez que você ao cinema?

R – A primeira vez eu não lembro. E lembro assim, que eu tinha um tio, irmão da minha mãe, que ele morava numa casa que tinha um salão embaixo, e às vezes ele colocava um lençol na parede e ele tinha a máquina de projetar os filmes. Aí ele punha, a gente adorava, todas aquelas bobeirinhas, sabe? E a gente: “Ah, que legal!” Ria. Hoje em dia, a gente acho que não ia nem olhar, mas naquela época era interessante. E, outra coisa, que quando eu ia ao cinema mesmo, eu não via a hora de fazer 18 anos. Todo mundo: “Mas pra que você quer fazer 18 anos?” “Eu quero entrar em filme proibido a 18.” Quer dizer, não mudou nada, proibido a 18 ou não, porque...

P/1 – E teve alguma vez que você conseguiu entrar antes dos 18?

R – Eu conseguia, eu conseguia. E tinha parentes meus, esse primo, por exemplo, que ele tinha que mostrar documento. Pra mim ninguém pedia, eles achavam que eu já tinha.

P/1 – E teve algum que você...

R – Que eu tive que voltar? Não.

P/1 – Não, que você conseguiu entrar naquele filme tão querido...

R – Sim, mas não lembro mais, nada muito especial.

P/1 – E você entrou na Colgate. Foi seu primeiro trabalho, Zilda?

R – Foi. Só trabalhei na Colgate. Nunca trabalhei em outra.

P/1 – Como foi que você entrou? Como foi esse processo?

R – A minha prima, que é irmã desses dois que eu falei há pouco, ela já trabalhava lá, e quando a minha mãe falou pra ela se dava pra arrumar um emprego pra mim e tal... Naquela época tudo era fácil. Falou com o chefe dela, o chefe dela me mandou ir, me pegou. Naquela época era na fábrica mesmo. Quando souberam que eu estava estudando etc., pra eles você tinha... Naquela época você falava ginásio. Quando você tinha o ginásio, você já era muito importante, quando você estava no colegial, então... Logo me mandaram fazer teste e eu passei para o escritório. E passei em vários departamentos lá.

P/1 – Quando você entrou na Colgate era em que unidade?

R – Vila Mariana. Eu morava lá no Jabaquara e entrei na Vila Mariana.

P/1 – E você falou do ginásio, do colégio. Vamos falar um pouquinho da escola. Você tem que lembranças da escola?

R – O primário, eu fiz numa escola perto da minha casa.

P/1 – Você lembra o nome da escola?

R – Grupo Escolar, acho que era Quirino Ferreira, mas tinha outro nome no meio.

P/1 – Não, mas tudo bem.

R – E era escola de madeira, não era de alvenaria, era de madeira. Depois que mudaram de lugar, aí já era alvenaria, mas eu já não estava mais lá, eu já tinha passado esse período. E também a gente ia tudo junto, voltava tudo junto.

P/1 – E da escola mesmo, dessa época do primário, que lembrança você tem, Zilda? Como era essa escola, além do prédio? Como era a convivência?

R – Ah, era assim: a maioria das pessoas todas moravam por lá e todo mundo naquela época era amigo. Mesmo que não era amigo, você falava: “Ah, meu amigo!”, às vezes era conhecido. Não tenho lembranças muito especiais.

P/1 – Algum professor ou professora que te marcou?

R – Nessa época, não. Eu lembro quando eu fui fazer o ginásio, eu mudei de algumas escolas. Por exemplo, comecei no Ginásio Jabaquara, o diretor lá... Eu não me lembro dele, eu sei que ele me chamava de Zélia, por causa do Z, e ainda falava dona: “Dona Zélia.” “É Zilda, professor.” Não lembro o nome dele agora. E ele tinha uma filha lá. Uma época, eu sei que eu acabei brigando com a filha dele por causa da história de ele mudar meu nome, aquelas bobagens de criança. Depois eu saí de lá. Não, era lá mesmo. Eu tinha latim naquela época, eu detestava latim. Aí entrou um professor que era uma graça, não de bonito, ele não era muito mocinho, mas aí eu comecei a gostar de latim, porque ele ensinava de um jeito que eu entendia. Aí foi bom, dali pra frente eu fui bem em latim também.

P/1 – E como aluna? Como você era como aluna?

R – Era uma aluna, não era ruim, mas não ótima. Era razoável.

P/1 – E alguma arte na escola com os amigos? Algum acontecimento?

R – Uma única coisa, que eu não sei se chega a ser arte. Era outra escola em que eu estava, acho que era Dom João VI que chamava. Duas coisas: o pessoal ia de batom pra escola, e eu queria passar batom, minha mãe não deixava, claro. “Você não tem idade pra passar batom!” O que eu fazia? Chegava lá, passava batom, e, na hora de ir embora, eu ia para o banheiro com um creme dental, punha creme dental na mão e passava – que o creme dental tirava todo o batom. Essa era uma coisa. A segunda coisa que eu não esqueço: as meninas tinham mania de fumar, aí um dia uma falou pra eu fumar. Eu falei: “Não. Não gosto.” “Não, experimenta. É bom.” “Tá bom. Eu nunca fiz, como faz?” Ela falou assim: “Você faz pfuu.” Ah, pra quê? Acho que foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, eu engasguei de um jeito, mas muito feio. Isso foi ótimo, que nunca mais eu pus um cigarro na minha boca. Quer dizer, nunca me fascinou, entendeu?

P/1 – E nunca ninguém percebeu na tua casa que você tinha passado um batonzinho?

R – A minha prima, uma das minhas primas que já era casada, ela percebia, mas a minha mãe acho que nunca percebeu, porque nunca me deu bronca. Minha mãe era muito brava. Eu, quando era menina, eu era loira, a minha mãe disse que até tinha apelido quando era pequeninha: “Ah, ‘Quinta coluna’, não sei o quê.” Acho que por causa dos alemães. E eu fui crescendo, meu cabelo foi escurecendo, não muito, não como agora, que agora é artificial, mas ele deixou de ser loiro, e eu queria voltar a ser loira. Tinha uma vizinha, ela era casada, mas eu não acho que ela fez por maldade, eu acho que, sei lá. Ela falou: “Você passa azul de metileno. Põe na água azul de metileno e passa que você vai voltar a ser loira.” E a tonta fez isso. Meu cabelo não ficou azul, ele ficou verde. Eu falei: “Minha mãe vai me bater.” Porque naquela época você apanhava mesmo. E essa minha prima casada, o que ela fazia? Quando estava perto de a minha mãe chegar do serviço, isso já retrocedendo, eu ainda não estava

trabalhando, nem nada.

P/1 – Sim

R – Ela pegava e me fazia rolinhos e me punha um lenço. Aí um dia minha mãe queria saber por que eu não tirava o lenço do cabelo. Ela arrancou e viu. Quase me matou. Então, isso é uma coisa que ficou na minha lembrança também, uma arte.

P/1 – O cabelo verde.

R – E essa minha prima casada que foi quem me socorria no começo, mas, coitada, ela ia fazer o quê depois?

P/1 – Sim. E você estava já contando pra gente como você entrou na Colgate.

R – Então, a minha prima já estava lá, me mandou ir com o chefe, como eu já te falei. Ele mesmo já: “Então, começa a trabalhar tal dia.” E depois eu fiz teste e comecei a ir mudando de departamento, já no escritório.

P/1 – Zilda, e como foi essa entrada? O que você se lembra do dia que você começou a trabalhar, ou do dia que você foi fazer a seleção, o teste?

R – Bom, o dia que eu comecei a trabalhar, eu me achava muito importante, porque eu ia trabalhar, uma coisa que eu via que todo mundo fazia, eu não fazia. E, depois que eu fiz o teste, eu lembro que na hora do almoço eu sempre ia à fábrica ver o pessoal que eu conhecia, inclusive a minha prima. Minha prima trabalhava, naquela ocasião, na... A Colgate tinha a brilhantina. E a brilhantina, quando ela desce lá dos tanques, ela é líquida. Acho que era num vidrinho, sei lá como era, eu sei que o negócio vinha. Eu lembro que uma hora eu estava bem perto e aquilo lá pulou. Meu vestido ficou tudo manchado de gordura. Essa também é uma coisa que eu lembro.

P/1 – E você se lembra das pessoas usando brilhantina?

R – Não, e lembro assim, meu marido graças a Deus nunca usou.

P/1 – Alguém usava?

R – Mas era muito comum usar brilhantina antigamente.

P/1 – Algum amigo?

R – Ah, mesmo na Colgate muita gente usava. Como hoje você usa o fixador, ou coisa do tipo, não sei exatamente o que os homens... Acho que é gel que usa hoje, né? Eles punham brilhantina.

P/1 – E você disse: “Meu marido graças a Deus nunca usou”. Por quê?

R – Ah, porque eu achava... Não sei, não gostava. Ficava aquele cabelo que parecia emplastado.

P/2 – Como foi a história da seleção e no dia que você soube que você iria ser contratada? Você lembra?

R – Como foi? Eu sei que eu fiquei muito feliz, me avisaram que eu tinha passado no teste. Porque junto comigo foram outras duas meninas de lá da Colgate que também queriam passar para o escritório, e eu fui a selecionada. Claro que eu fiquei feliz. Então, fiquei muito contente e depois já fui para o escritório. Mas era tudo junto. Era assim: o prédio da fábrica era no fundo, e o do escritório era na frente, mas era só você andar um pedacinho, você já estava lá.

P/1 – Porque você diz que foi uma pessoa conhecida que encaminhou você.

R – Que foi minha prima que me levou pra lá.

P/1 – Isso. Mas conta um pouquinho mais de detalhes. Como foi essa seleção?

R – A seleção para ir para o escritório?

P/1 – Porque você disse que chegou à fábrica. Você trabalhou na fábrica?

R – Trabalhei. Isso que eu te falei, eu comecei na fábrica.

P/1 – Isso. Mas aí você logo foi para o escritório. Como foi na fábrica, então, essa experiência?

R – Ainda bem que ela foi pouca (risos), porque era assim, hoje tudo é automatizado, naquela época não. Por exemplo, vinha o creme dental, você tinha que pôr na caixinha, fechar a caixinha, tudo muito rápido.

P/1 – Conta pra gente essa parte.

R – Como era?

P/1 – É. Desse processo.

R – Eu também não lembro exatamente como era.

P/1 – Da sua lembrança.

R – Eu sei que as máquinas eram manuais. As meninas colocavam a bisnaga, aí vinha um negócio que enchia aquele tubo, selava e ia pra uma... Correia que chama?

P/1 – Esteira?

R – Uma esteira. E você tinha que ir pegando e colocando... Várias. Não era uma pessoa só que fazia isso, eram várias pessoas. Tinha que ir colocando nas caixinhas, juntava 12, punha lá de novo, tinha outra pessoa que fazia outra coisa. E eu lembro que minha prima ficava desesperada, porque ela via que eu não conseguia, demorava horrores. Ela fazia a parte dela, depois corria me ajudar, depois ia pra parte dela, e corria me ajudar.

P/1 – Até a tampinha tinha que pôr?

R – Não, a tampinha já vinha junto. A tampinha... Porque, quando põe pra encher a bisnaga, ela já está com a tampinha e está com o corpo dela aberto. Depois que põe o creme, fecha. Hoje em dia deve ser assim, mas muito mais automatizado, muito mais rápido. Até pra pôr na caixinha, hoje em dia, ninguém mais precisa pôr na caixinha. Até pra fazer os pacotes e até pra colocar na caixona, vamos dizer, uma caixa de 12, 12 embalagens de 12, tudo isso agora é com robô.

P/1 – E na época, vocês que faziam?

R – É.

P/1 – E você fez o teste para o escritório. Fala um pouquinho mais desses detalhes, como foi o teste, como você passou.

R – O que caiu no teste já não sei mais nada.

P/1 – Não, não. A sua sensação, a sua lembrança.

R – Era o que eu queria. Aliás, desde que eu entrei, eu já queria essa parte, mas como quem me levou trabalhava lá e fez o grande favor de falar com o chefe e o chefe me aceitar... Hoje em dia, tem aquela seleção, tem um monte de coisa que não tinha. Tá precisando de algum funcionário na fábrica, qualquer lugar: “Ah, eu tenho um primo.” “Ah, mande-o vir.” Hoje jamais acontece isso. Hoje tem a seleção toda, tudo bem. Mas o que eu lembro, que eu fui com mais duas meninas, eles deram alguma coisa lá pra gente responder etc., mas também não lembro exatamente mais o que era. E das três, acho que eu fui a que melhor me saí. Daí eu já comecei a trabalhar no escritório.

P/1 – E essa experiência nesse primeiro escritório foi tranquila?

R – Foi bem melhor (risos). Porque, na fábrica, eu só dava vexame. Lá eu gostei. Lá eu gostei.

P/1 – Como era o trabalho, Zilda?

R – A primeira foi no faturamento. O faturamento também, o computador nem se compara com hoje, eram umas máquinas enormes e tinha... Vamos dizer, chegava o pedido, aí tinha as meninas digitadoras, mas eu não lembro qual era o nome certo na época. Eu sei que elas digitavam o pedido como se fosse numa máquina de escrever, sei lá, aí saía um cartãozinho com vários furinhos, por aqueles furinhos sabia o que era. E eu lembro que depois eu tinha que pegar esses cartões e arquivar. Esse foi meu primeiro. E eu, um dia, eu lembro que eu estava lá arquivando e comecei a assoviar, assoviar. Meu chefe me chamou, falou: “Escuta aqui, isso aqui é um lugar de trabalho, não é pra cantar, nem ficar assoviando, não. Quer cantar, canta só aqui, olha.” Mas depois ele foi legal comigo, é que na época se ele não cortasse um pouco, você já viu, né?

P/1 – E você era bem alegre nesse lugar?

R – Sim.

P/1 – Você era feliz nesse lugar?

R – Muito. E a amizade era amizade mesmo. Você fazia amizade com todo mundo, você se reunia com todo mundo. Até o final era assim. Eu trabalhei lá ao todo 32 anos, e até o final era muito...

P/1 – Fala um pouco dessa relação de amizades na primeira unidade que você trabalhou, que você disse que é o que te fazia feliz.

R – É. Todas me fizeram feliz lá. Por exemplo, você trabalhava a semana inteira, aí o pessoal da sessão falava assim.. Antigamente o gostoso era um bailinho. “Vamos fazer um bailinho?” “Vamos. Na casa de quem?” Aí determinava, era um dos que estavam lá na sessão. E as meninas levavam alguma coisa pra comer, os meninos levavam alguma coisa pra beber, mas tudo à tarde, não tinha nada à noite. Dançávamos e depois íamos pra casa de ônibus, que era o que tinha na época. E piqueniques, a gente chegou a fazer bastantes piqueniques junto com o pessoal. Não que a Colgate comandava, não era nada disso, os próprios funcionários organizavam e todo mundo gostava e ia.

P/2 – Você se lembra de algum baile específico? Alguma coisa que aconteceu num desses bailinhos?

R – Não, desses bailinhos que a gente organizava, não. Eu lembro que a Colgate sempre fazia festa de final de ano. Teve uma época, teve várias etapas das festas. Era baile, no final de ano tinha baile, então, as meninas, uma queria estar mais bonita que a outra, porque iam estar todos os meninos de lá também. Eu não podia muito, porque logo eu comecei a namorar, mas eu ia com, na época, meu namorado. Minha mãe ia junto, porque imagina que eu ia à noite sozinha. Mas teve baile na Casa de Portugal. Eu agora não lembro bem de todos os lugares, mas começou assim com bailinho, depois... Quer ver que mais a Colgate tinha de final de ano? Depois dos bailes, eu não sei se foram os churrascos, eu não me lembro da ordem das coisas.

P/2 – Tinha bastante atividade extratrabalho.

R – Tinha. Tinha.

P/2 – Conta um pouquinho dessas coisas. Corrida.

R – Ah, sim, a Colgate incentivava muito. Por exemplo, teve uma época, foi aquele bem no começo, que eu te mostrei a foto, ela resolveu que ia dar aos funcionários que gostassem e quisessem participar de coral, ou de peça teatral, ela inclusive fornecia pessoa pra nos ajudar. Então, no Sesi [Serviço Social da Indústria], que é de onde eles chamavam, tinha um senhor que se chamava Alexandre Memmo, ele tanto era o nosso... Como fala? Não é professor.

P/2 – Tutor.

R – O diretor, sei lá o que era.

P/1 – Diretor do teatro.

R – Ele que ensaiava, vai. Tanto as peças teatrais, quanto os...

P/1 – Corais?

R – Os corais. É. Essa foi uma parte de coral e uma parte de teatro que eu falei que foi ali no Teatro João Caetano, na Vila Mariana, ali na Borges Lagoa.

P/1 – Conta dessa época de teatro pra gente, se teve alguma peça que você gostou muito de fazer.

R – Eu gostei, mas não lembro mais de nome de nenhuma.

P/1 – Não, não se preocupe com nome. Da situação.

R – Era gostoso, porque tudo era farrá. Você chegava lá, você recebia o papel que você ia ter que decorar, depois ia ensaiar muito, pra depois no dia você estar com tudo... E não me lembro de detalhes, mas eu lembro que era muito gostoso, o pessoal, como sempre, a gente se dava muito bem.

P/1 – Você se lembra da primeira apresentação?

R – A primeira, primeira, não sei qual foi, mas talvez pelas fotos, eu lembro daquela que eu te mostrei a foto, talvez até porque eu vi a foto e lembrei mais.

P/1 – Quando abriam as cortinas?

R – Você acha que eu vou lembrar?

P/1 – Tua sensação?

R – Primeiro era o nervoso, porque você não sabia se você ia esquecer alguma coisa.



P/2 – Teve alguma vez que você esqueceu?

R – Não. Acho que não. Mas também, se esquecesse, alguém assoprava lá. Assoprava não, soprava, né? Eu lembro que, quando tinha o coral, por exemplo, eu era contralto, só que tinha uma menina que era do meu lado e ela era soprano. E eu, em vez de continuar no contralto, quando eu via, eu já estava cantando, aí ela me cutucava. Aí ela tinha que entrar no contralto, pra eu pegar, aí começava a cantar contralto e ela continuava como soprano. Essas bobeirinhas assim

P/1 – Zilda, voltando um pouquinho... Zilda, como foi conhecer seu marido, que na época foi seu primeiro namorado?

R – Foi gozado até. Foi na época em que eu estava na fábrica ainda.

P/1 – Ah, sim

R – Eu ia almoçar e voltava com a minha prima. E ele trabalhava numa sala, que você tinha que passar pela sala dele pra ir pra parte lá em que você trabalhava, pra fábrica, “acabamento” acho que chamava. Então, eu passava, todo dia ele me dava um Sonho de Valsa. Todo dia me dava um Sonho de Valsa. Minha prima falou: “Ih, não sei, não, esse cara aí...” E ele era muito simpático. Por exemplo, a gente comprava os produtos da Colgate, depois você tinha que levar até a tua casa, negócio de ônibus e tal. Eu lembro que o dia que eu levava, ele se prontificava, ia junto, levava pra mim

P/1 – E como foi o começo do namoro?

R – Eu era muito criança. O dia que eu fiz 16 anos foi o dia que ele falou com a minha mãe. A minha mãe falou pra ele: “Olha, ela é muito criança, ela não tem juízo.” Falou um monte de coisa pra ele. Mas ele falou: “Tudo bem. Eu quero tentar. A senhora concorda?” “Concordo.” Mas ela era daquelas mães assim, se eu fosse ao cinema à noite, ela ia junto.

P/2 – Isso era pra namorar?

R – Pra namorar.

P/1 – E, antes desse pedido, teve alguma situação que já...

R – Com ele? Não.

P/1 – Começou a namorar antes?

R – Não. Depois de um tempinho acontecendo isso, eu comecei a namorá-lo. Mas também foi o único lá que eu namorei.

P/1 – E casou.

R – Também comecei logo, não podia... E casei quatro anos depois.

P/2 – Eu ia te pedir só um favor, se você puder repetir um pouquinho essa história dizendo: “Meu marido, eu conheci...”

P/1 – A história inteira, sem a gente interromper.

P/2 – Resumir. Que ele ficou muito cortado. E começar falando...

P/1 – Onde você conheceu e tudo.

R – O meu marido, eu conheci na Colgate mesmo. Ele trabalhava numa sala e eu passava por essa sala pra ir pra onde eu trabalhava. Depois de um mês que eu passava lá todo dia, ele começou. Todo dia, eu voltava do almoço, ele me dava um Sonho de Valsa. E a minha prima junto às vezes falava: “Ah, você só vai dar pra ela?” Às vezes ele dava pra ela também e às vezes ele dava só pra mim. E ficou naquela... Todo mundo percebia, e eu percebia, todo mundo percebia que ia sair alguma coisa, mas é como dizia minha mãe: eu era muito boboca. E no dia que eu fiz 16 anos foi o dia que ele falou com a minha mãe. Ela falou que concordava, só que eu era muito criança, que eu não tinha juízo nenhum

P/2 – E o que você achou? Você o ouviu falando?

R – Ouvi. Nós ficamos juntos lá na sala, ele falava, e ela respondia na minha frente.

P/2 – E você queria?

R – Ah, queria. Queria.

P/2 – Então você ficou extasiada?

R – É.

P/1 – Pelo menos animada.

R – É. Pelo menos animada.

P/1 – E, Zilda, conta um pouco de vocês. Essa história é tão bonita, porque começou tão cedo e lá no seu ambiente, na Colgate. E depois, como foi esse namoro lá na fábrica? Tinha algum detalhe que seria interessante contar pra gente?

P/2 – Era escondido?

R – Não. Não precisava ser escondido lá, desde que você lá dentro não ficasse namorando, vamos dizer. Mas todo mundo sabia que ele era meu namorado, eu era namorada dele, mas era só isso. E, como ele morava na Sena Madureira, quase Domingos de Morais, e eu tomava o ônibus pra ir pra minha casa na Domingos de Morais, então, a gente saía, eu, ele e minha prima, íamos a pé, que hoje em dia parece tanto, mas naquela época tudo era perto pra gente. E a gente ia a pé, ele me levava até o ponto, quando eu tomava o ônibus, ele ia pra casa dele, que era ali bem pertinho do ponto.

P/1 – E você trabalhou nessa unidade até quando?

R – Então, eu trabalhei, casei, continuei lá. Aí quando eu estava de cinco meses, parece, de gravidez da minha primeira filha, eu lembro que meu chefe me chamou, ele falou assim: “Olha, você sabe que você não vai poder continuar depois que você ganhar neném. E também não convém pra você trabalhar muito tempo.” Não sei por que, mas ele falou isso. Então, ele falou assim: “Eu estou pensando, você acha que até cinco meses tá bom pra você?” Pra mim, na experiência que eu tinha, falei: “Tá. Tá bom.” Então, quando eu completei cinco meses de gestação, eu saí da Colgate, me desliguei, recebi, não tinha mais contato nenhum com a Colgate, a não ser porque meu marido continuou e as amizades continuaram. Aí eu já estava, mas acho que eu falei lá, quando a Colgate, eu trabalhava no departamento de compras, esse departamento mudou pra Colgate de Jaguaré, e era muito longe, quer dizer, hoje não é nada, mas antigamente, vamos dizer, o pessoal da Vila Mariana pra vir pra Jaguaré achava cansativo, achava longe. Então, vinha, ficava um pouquinho, dali a pouco não queria mais ficar, ia embora. Como eu já estava morando lá, o que tinha sido o meu chefe, ele falava: “Zilda, dá pra você vir aqui quebrar o galho? Só até arrumar outra pessoa, você ensina.” Eu fiz isso várias vezes. Até que na última vez eu falei pra ele: “Eu não vou.” Eu já tinha a segunda filha nessa ocasião, a minha outra filha tinha, quando eu voltei a trabalhar, quatro anos. Eu falei: “Eu não vou, porque quando eu começo a pegar o gosto, você pega e fala que eu não posso ficar, porque não pode readmitir, principalmente tendo o marido trabalhando lá.” Ele falou: “Não, eu vou conversar com eles, depois te falo.” Aí diz que consideraram, então, que eu ia ficar não só um pouquinho, que eu ia ficar. Ele falou: “Olha, eu garanto pra você uns cinco, seis meses.” “Tá bom. Então vamos.” Nesses cinco, seis meses, mudou o que era. Antigamente, a gente falava departamento pessoal, hoje o nome é outro. Mudou o que era o chefe do departamento pessoal. Quando foram falar com ele, ele falou assim: “Ué, se ela serve pra vir aqui e trabalhar enquanto precisam dela, por que ela não pode ficar direto? Por mim pode.” Era o que faltava. Aí eu voltei como funcionária e fiquei muitos mais anos. Eu sei que ao todo deu 32 anos de Colgate.

P/2 – Então, resumindo, você começou como o quê? Quais foram as suas funções dentro lá?

R – Eu comecei na fábrica, fábrica mesmo, chamam de fábrica. Depois acho que de uns três meses, não lembro exatamente, eu passei para o escritório, para o departamento... Não era esse departamento, a gente falava sessão, “sessão de faturamento”. Depois do faturamento, não sei se eu vou falar a ordem certa, eu lembro que eu fui pra caixa, caixa era pagamentos, e caixa. Olha como era, éramos eu e dois senhores nessa sessão, o dinheiro que a gente recebia lá tinha que levar para o Citibank, lá no centro da cidade. Eles achavam que, se eu fosse, ninguém ia desconfiar que eu estava levando nada. Então, eu ia sempre com uma bolsa grande e eu levava o dinheiro, ia de ônibus, nunca acontecia nada. Um dia aconteceu uma coisa muito gozada. Eu estava no ônibus, o ônibus cheio, o motorista deu uma brechada, eu dei uma reviravolta e caí sentada no colo de uma pessoa que estava sentada, levantei super sem graça. Mas nunca teve problema nenhum. Eu ia ao Citibank, entregava o dinheiro, esperava contar, voltava pra Colgate. Quando hoje vai acontecer uma coisa dessas? Depois desse departamento... E agora? Eu trabalhei em muitos departamentos lá. Não lembro. Eu sei que eu trabalhei no departamento de compras, planejamento de compras, fiquei muito tempo no departamento de compras. E, por último, que eu não lembro nesse meio tempo, eu trabalhava nos líquidos, que falavam, que eram os detergentes, a parte de detergentes, mas como secretária. E foi lá onde eu me aposentei, onde eu saí de vez.

P/1 – E você, antes de sair pra ter suas filhas, qual foi a última atividade sua? Já era secretária, ou não?

R – Não. Não era secretária. Eu trabalhava como auxiliar no departamento de compras, era outro chefe. É esse tal que depois me fez voltar, o Júlio. Depois ele mudou, ou eu que mudei. Eu sei que depois fui passando por outros gerentes. Naquela época era difícil falar gerente, era mais chefe de departamento.

P/1 – Zilda, vamos falar, então, antes de você sair pra ter suas filhas, você disse que tinha muitas atividades, você começou a responder que tinha muitas atividades.

R – Na Colgate?

P/1 – Isso. Conta uma que deixava, que você gostava muito. Como era?

R – Então, teve o teatro, que é uma coisa que marcou bastante, depois disso... Não sei se eu vou falar na ordem certa. A Colgate, por exemplo...

Não, isso já foi bem pra cá, que eu ia falar do personal trainer.

P/1 – Não precisa ter ordem, não.

R – Eu estou tentando lembrar o que mais que teve. Espere um pouco.

P/1 – As festas, por exemplo, como eram?

R – Então, as festas eram muito gostosas. O Dia da Secretária todo ano era comemorado. E começava, às vezes era um almoço que... Começou pouquinho, vamos dizer, a turma do Jaguaré, não sei o quê. Depois esses almoços eram de todas as unidades. Então, era gostoso porque você encontrava as secretárias de outros departamentos, muitos você conhecia e muitos você só falava por telefone. Então, era a chance que você tinha de conhecer as outras meninas. Todo mundo, toda secretária, não era sorteio, todas as secretárias ganhavam presente. Uma vez teve naquele hotel, acho que é Grand Hotel, lá do Guarujá, que a gente dormiu lá. Esse daí foi até mais longuinho, foi de um dia para o outro, e teve, além do presente, sortearam alguns prêmios, e o meu foi uma viagem para o Rio naquele trem... Como fala? Em que você dormia.

P/2 – Aquele trem expresso?

R – É, que tinha cabine. Nossa, pra mim foi uma coisa que eu achei maravilhosa.

P/1 – Você fez viagens, né?

R – Muitas.

P/1 – Conta como eram essas viagens.

R – Eu acho que, depois dos 30 anos, se eu não me engano... Não, 30 anos não, porque eu aproveitei bastante, mas não sei. Como eu tinha a minha parte de viagens, e meu marido ia como meu acompanhante, e ele tinha a parte dele, e eu ia como acompanhante dele, então, tinha viagem sempre. Eu lembro que a primeira que eu fiz pela Colgate, nós fomos para Guarapari, que era pra fazer aqui no Brasil mesmo. Outra era, não sei se era minha, se era dele. A outra, a gente podia escolher um país da América do Sul, nós fomos pra Argentina. Argentina e Chile, será que foram juntos? É, acho que foi, porque a gente fez os Lagos Andinos, foi pra Argentina e Chile. Depois... E agora?

P/1 – Pra fora da América do Sul?

R – Eu lembro que eu fui um ano pra Nova York, depois um ano eu fui para o Canadá. Do Canadá, eu estendi até... Acho que até Miami. Não, Miami foi a última. Bom, eu lembro que a gente sempre fazia um roteiro que você podia aproveitar mais alguma coisa. Então, outra foi essa. E a última que a gente fez, a gente já tinha saído de lá, meu marido saiu em janeiro de 2001, e entre os presentes que deram, deram mais uma viagem. Então, nós fomos pra Orlando e Miami.

P/1 – Zilda, e essas viagens, era comum os funcionários todos receberem?

R – Depende de quantos anos você tinha de casa. Era por tempo de casa.

P/1 – Mas era só esse o critério?

R – É. Eu vou chutar: por exemplo, quando você fazia 25 – não sei se é isso –, quando você fazia 25 anos, você recebia uma pulseirinha. Quando você fazia... Não era todo ano, acho que era de cinco em cinco. Quando você fazia 30 anos, você recebia uma viagem pra dentro do Brasil mesmo. Depois, começou América do Sul, depois o que você quisesse. E a gente viajou muito, porque um aproveitava a viagem do outro.

P/2 – E tinha férias?

R – A gente tirava período de férias e aproveitava nas férias, e a Colgate pagava tudo.

P/2 – Que era muita viagem, né? Sua e dele, cada um tirava...

R – É. Não, não, mas a gente pegava as nossas férias pra fazer isso, o período de férias. E também não eram as férias inteiras.

P/2 – E, nessas viagens, o que vocês gostavam de fazer?

R – Ah, conhecer tudo que fosse possível. Normalmente, a gente pegava excursão, que era pra ficar mais fácil. E a Colgate pagava tudo. Quando você saía daqui, você saía com um adiantamento em valor, em dólar, e quando você voltava, você acertava se você gastou além daquilo. Claro que você também não podia extrapolar, tinha um limite que eu não lembro quanto. Se você gastou além daquilo, eles te reembolsavam, se você gastasse menos, você devolvia.

P/2 – E a língua? Como vocês se comunicavam?

R – Então, por exemplo, o inglês, eu era bem melhor do que sou hoje, porque você fica sem usar, você enferruja. Eu nunca fui assim uma exímia, mas dava pra entender bem. Uma vez eu fui viajar com a minha... Aí não tinha nada com Colgate. Fui eu, minha prima e uma amiga dela, nós fomos pra França e fizemos vários outros países por lá, que era itinerário, vamos falar assim. A gente foi pra Espanha, foi pra Itália, foi pra Grécia, até para o Tirol nós fomos. A maioria você falava inglês. E também, se você se enganasse e falasse alguma coisa, eles davam um jeito de acertar. O que sempre me falaram foi assim: “Na França, você não fala inglês, porque eles não vão te responder.” É mentira. Porque eu não sabia falar francês, e às vezes eu precisava de alguma informação, pedia. Eu nunca esqueço, um dia, a gente estava indo pra um bairro lá que eu não me lembro, aí vinha vindo um moço, um moço novo, eu falei pra ele: “A gente está querendo ir pra tal lugar” – isso em inglês – “E a gente não sabe como ir”. “Ah, é aqui pertinho.” Você acredita que ele voltou e foi junto com a gente até lá? Então, dava pra gente se virar. Quando fui pra Itália, que foi a mesma viagem, a minha prima era casada com um italiano, aí ficava por cargo dela, ela que se virasse. E na Espanha tudo é mais fácil, você fala oportunol.

P/2 – Ah, mas sempre tem umas palavras que...

R – Ainda mais em Barcelona, que parece mais francês do que espanhol, mas a gente se virou bem.

P/2 – Nunca teve uma saia justa por causa da língua?

R – Não. O que aconteceu de saia justa: eu nunca tinha feito viagem de trem, de dormir no trem. Tinha feito aquela que eu te falei para o Rio, mas não se compara. Então, quando a gente foi, acho que foi pra Itália, que a gente foi direto acho que pra Veneza, a gente entrou, pegou a cabine, não trancou – porque não sabia que era pra trancar. Mais tarde, entrou um homem que nem “boa noite” não falou, arrumou a cama que ele ia ficar, em cima. Eu pelo menos nunca tinha feito nenhuma, achei tudo normal. Quando nós voltamos, a gente tinha várias cidades ali programadas, uma delas era Verona, e no dia de ir pra Verona teve greve de trem. Eu sei que foi uma correria. Depois a gente acabou indo pra outro lugar pra conseguir voltar. E, quando a gente pegou o trem, uma moça entrou junto, aí eu vi que ela trancou. Eu falei: “Ué, por que trancou?” Ela falou: “Por quê? Vocês não trancam?” Eu falei: “Não. Nós viemos, não trancamos.” Conte a história. Ela falou: “Vocês nunca devem deixar a porta aberta, vocês não sabem quem vai entrar.” Então, quer dizer, isso foi uma coisa que a gente aprendeu e não sabia. Outra coisa muito interessante: a gente fez a viagem para o Tirol de ônibus. Saímos lá da França, lá de Paris, o filho da minha prima mora lá, então, ele foi, falou com a cicerone lá, não lembro se o nome é esse mesmo. “Olha, elas não falam...” – ela falava alemão e não sei o quê mais. Então, ele falou: “Não adianta falar francês, não adianta falar alemão, que elas não vão entender. Ou você fala inglês e bem pausado...” Ela concordou com tudo, só que ela não fez nada do que ela falou. A primeira parada nossa, acho que já era alguma cidade que era da Alemanha, ela mandou todo mundo descer, e o que tivesse no ônibus, pra descer junto. Falei: “Que coisa estranha.” A gente jantou, quando a gente voltou para o ônibus, parecia cama beliche. Não sei como eles transformaram aquilo, tinha embaixo e tinha em cima. Falei: “Meu Deus do céu, como nós vamos fazer agora?” Porque a minha prima e a amiga dela ficaram do lado de cá, eu fiquei do lado de cá, claro que você não conhece ninguém, e eu lembro que todo mundo começou a se deitar, eu falei: “E agora?” Mas assim, sem se cobrir, sem nada. Não é que eles te põem roupa, nem nada, eles fazem os bancos se transformarem em camas e ainda tem o segundo andar, como se fosse um beliche. E todo mundo conseguiu dormir, e eu fiquei apavorada. Assim, apavorada, achei muito estranho tudo aquilo. Eu só cochilei, cheguei lá e falei: “Meu Jesus, será que vai ser igual na volta?” E foi, mas aí a gente já sabia que ia acontecer aquilo, já não estranhou tanto.

P/2 – E as comidas? Como era na hora de sentar num restaurante pra se entender?

R – A pior coisa era na França, então, meu primo falava assim, o filho dessa minha prima: “Você fala...” – eu não lembro como, era pra pedir o prato principal lá, o prato não sei o quê. Então, a gente se virava com aquilo que eles falavam. Uma vez, numa dessas... Sempre ele que orientava: “Vocês vão pra lá, vão pra cá, faz isso.” Nós fomos pra Grécia, foi pra Atenas. A gente foi de avião. É, a gente foi de avião até Atenas. Pegamos um hotel, no dia seguinte tinha que pegar tudo que era teu e ir para o cais, vamos falar assim, você tinha lá a passagem, tinha tudo. Chegamos ao cais, era tal de Pentecostes, que todo mundo vai viajar lá pra Europa toda. E a gente viu aquele monte de gente, olhava no papel que eles tinham dado: “Mas, meu Deus, qual será o nosso barco?” Porque eram aqueles enormes. Eu falei assim pra elas: “Vocês fiquem aqui, não saiam daqui que eu vou tentar descobrir.” Eu dei uns dois, três passos, voltei, falei: “Não. Eu não vou achar vocês no meio de tanta gente.” Depois chegou outro barco, que a gente começou a comparar, porque você já viu como o grego escreve, é tudo uns rabisquinhos lá que você não entende nada. Aí parecia que aqueles rabisquinhos eram iguais. A gente foi ver, era aquilo mesmo. Entramos no barco. O pessoal lá, parece que abriu a estrada da boiada, todo mundo subia, já ia se... Eu lembro que a gente chegou a um lugar que era térreo, tinha umas cadeiras assim acolchoadas, aí a gente foi sentar, veio uma mulher, uma grega, ela falava que ninguém... Pelo menos nós não entendíamos bulhufas do que ela falava, mas ela falava assim na minha cara, sabia que ela estava brava. Eu falei pra minha prima: “Lê, eu acho que ela não quer que a gente fique aqui, vai ver ela está guardando lugar pra alguém.” Saímos de lá, mas isso já tinha passado tempo, então, você tinha que subir com mala, com tudo. A gente não levava mala, levava aqueles sacolões. Subia um monte de escada, chegava ao tal do andar, olhava, não tinha lugar, subia mais outro. Sei que nós fomos parar no último. E, nesse último, nós estávamos conversando, e tinha uma moça que sentou do nosso lado, supersimpática, e começou a conversar conosco. Aí ela falava... Acho que ela falava inglês, se não me engano. Eu sei que grego não era, porque a gente não ia entender. Então, ela deu um monte de dica de onde a gente ia, o que tinha que fazer e tal. Tem mais uma coisa de Atenas também que foi legal pra contar. Então, a gente seguiu. Ela falou assim: “Olha, tem o restaurante tal, eles falam português, lá é bom, porque você vai...” Tudo bem, chegamos à entrada, realmente tinha um cara que falava português, o que nos recebia e nos levou até a mesa, só que os garçons não falavam português, e a gente não falava grego. Depois, até no final veio um maître, e nós falamos pra ele que nós queríamos uma sobremesa típica, uma sobremesa deles. Quando a gente viu o que eles trouxeram? A gente não parava de rir, todo mundo ficou olhando pra nós. Pudim de leite condensado, que você faz em casa, se não todo dia, quase toda semana. A gente ria, ria, ria. Aí ele veio, queria saber o quê, mas estava difícil de a gente se explicar. O cara lá da porta veio, a gente contou pra ele que a gente queria uma sobremesa típica, e veio aquilo que a gente comia praticamente todo dia em casa. Pra compensar o que eles tinham feito de errado, eles levaram uma bebida pra nós, que eu não lembro, era uma bebida branca, que eu não gosto, não tomei, mas todo mundo lá adorava essa bebida. Essa foi uma das gafes. A outra gafe, no dia seguinte, porque nesse primeiro restaurante, acho que nós tínhamos comido uma lula grelhada maravilhosa. No dia seguinte, nós fomos a outro restaurante, e eu, muito burra, em

vez de pedir lula, eu pedi lagosta sem querer, eu mudei o nome. Acho que lobster que é lagosta, né? E eu estava crente que eu estava falando lula. Quando chegou aquela lagosta com casca e tudo, uma lagostona, as três olharam uma pra cara da outra, e todo mundo do restaurante olhando. Falei: “Putz grilo, e agora? O que nós vamos fazer?” Aí a gente comeu como deu, porque aqueles negócios que a gente nem tem prática, eu pelo menos não tenho até hoje. Então, essa foi a segunda coisa que também a gente fez errado. Outra coisa que, logo que a gente foi para as ilhas, depois voltou pra Atenas, aí ensinaram pra gente, não lembro mais o nome, o Monte Fulano de Tal, que você via Atenas inteira desse monte. Nós fomos. Falavam assim: “Você pega o teleférico e vai por ele.” Tá bom. A gente estava numa praça lá em que todo mundo ia pegar táxi, mas quem disse que você conseguia pegar? E tem outra, em Atenas, não sei se em todo lugar da Grécia, mas lá era assim, eu já tinha lido no guia: você pode chamar um táxi, se tiver mais duas, três, forem para o mesmo lugar, pode pegar o mesmo táxi. E a minha prima e a amiga dela passaram a roupa, toda bonitinha, e eu como sempre fui a mais “magrinha” – ao contrário, sempre fui a mais gorda –, eu sentava na frente com o motorista, e as duas sentaram atrás. Aí outras duas moças fizeram sinal, minha prima e a amiga dela: “Não, mas...” “Não, eu já li e tá certo.” Elas entraram e apertaram, quatro atrás. E a minha prima falava assim: “Ah, meu Deus, que cheiro de cebola.” Ela queria dizer que estava com cheiro de suor. Bom, o cara levou as meninas onde tinha que levar e nos levou a um hotel que tinha o nome de onde a gente queria ir, mas a gente não queria ir para o hotel. Explicamos para o cara do hotel, o cara do hotel explicou pra ele. Tá bom. Aí ele foi malandro. Lá eles são muito danados. Ele deixou a gente no lugar, falou assim: “É aqui. Sobem aqui.” “Ah, tá bom” Pagamos, descemos, e a gente olhava e não via nada. Fomos perguntar pra uma moça. Você quer informação, você pede pra jovem, porque, se você pedir pra pessoa de mais idade, eles não te dão muita bola. A moça explicou que tinha que pegar o ônibus tal e descer em tal lugar assim. Só que tinha que comprar a passagem do ônibus numa banca de jornal. Ela foi legal, ela foi com a gente até a banca de jornal, comprou a passagem de ônibus e nos deixou no ponto de ônibus. Um senhor que estava lá escutou a conversa e falou: “Pode deixar que eu explico pra elas quando tiver que descer.” Ele explicou, a gente desceu, tinha uma escadaria, ele mostrava que era por ali. Eu falei: “Mas onde vai dar essa escadaria?” Subimos, tinha umas lojas, perguntei onde era o teleférico, eu não sei se eles não entendiam o que eu falava, provavelmente, sei lá, ou se lá tem outro nome, e ninguém sabia. Fomos pra lá, fomos pra cá, e nada. Aí uma moça, não muito educada, eu vi que ela estava descendo. Falei pra ela: “A gente está querendo ir a tal lugar assim, dá pra ir por aqui?” “Dá.” “Mas é muito longe?” “Se você estiver acostumada a andar, não.” Tá bom. Fomos, fomos, andamos, andamos, paramos na metade do caminho, ainda bem que tinha uns caras vendendo água, bebemos água, e chegamos lá ao tal lugar, ao tal do monte. De repente, a gente começa a ver pessoas de idade, que naquela época não era como eu estou hoje, eu falei: “Ué, como eles conseguiram chegar aqui?” E a gente falou: “Tem alguma coisa?” – perguntamos para o garçom. E ele me explicou, e eu não entendi, não sabia se ele tinha me entendido. Ele mostrava um lugar assim, que eu fui lá e não via nada. Depois que eu descobri que era um elevador. Mas sabe como era o tal do teleférico deles? Você pensa num negócio visível. Não, ele vai por baixo e ele não vai reto, ele vai assim, ele vem daqui, vai, e onde ele nos deixou, que foi perto daquela tal escadaria, estava tudo em grego. Falei: “Putz, mas custava eles escreverem...” Porque inglês, todo mundo, se não sabe, pelo menos tenta se virar. Então, essa também foi outra gafe nossa. E outra gafe nossa, o primeiro dia... Ah, que eu ia falar daquela praça, que eu esqueci. Falaram que era mais fácil pegar táxi numa praça, que eu também já não sei mais o nome. Nós fomos pra lá e todo mundo pegando táxi, não sobrava vaga pra nós. Veio um moço bem vestido: “Vocês estão esperando táxi?” “Estamos.” “Olha, naquela rua lá é melhor.” Nós fomos pra lá, quem era o taxista? O próprio. Ele veio, nos levou na Acrópole. Na hora de pagar, a gente tinha acabado de trocar aquele dinheiro meio doido, não entendia nada. Eu sei que a gente deu dinheiro pra ele e eu lembro que ele fazia assim ele me dava, depois ele punha aqui, não entendi nada, mas tudo bem. O que ele deu, a gente guardou. Na volta tinha uma charrete lá, eu falei: “Vamos voltar de charrete, pelo menos a gente vai vendo tudo.” Voltamos de charrete. Fui pagar o cara, não dava pra nada o dinheiro. Aí que nós descobrimos que o cara... Tivemos que trocar dinheiro de novo pra pagar o charreteiro. Mas é bom que você vai aprendendo um monte de coisa.

P/1 – Muita coisa.

P/2 – Viajar é bom, né?

R – Nossa!

P/2 – E qual foi o lugar mais diferente que você foi?

R – Bom, acho que eu gostei de todos em que eu fui. O primeiro, por exemplo, que a gente foi pra Argentina, foi pra Bariloche, claro que eu não consegui andar na neve, me esborrachava toda, mas achei interessante. Andamos de teleférico lá também, que eu morria de medo.

P/1 – Aí você tinha ido com o seu marido?

R – É. Eu e ele. Por exemplo, quando a gente foi pra Orlando, que foi para os parques, eu era só a fotógrafa, porque eu tinha medo de ir em tudo que tinha lá.

P/1 – E seu marido?

R – E como ele já tinha feito amizade com o pessoal da excursão, a maioria era brasileiro, tinha alguns espanhóis que eu ficava brava, eu entendia o que eles falavam, e eu falava, eles: “No comprendo. No la comprendo.” “Escuta, como eu entendo vocês, vocês não me entendem?” Ou eles fingem que não entendem, ou não entendem mesmo, não sei. E tinha muitos brasileiros, então, a gente se juntou com os brasileiros, e os mais novos, os mocinhos, chamava o Ermito. Imagina que ele não ia. Então, ele ia, eu tinha medo, eu só fotografava. Fui a poucas coisas, mas foi muito gostoso também. Essa da Grécia eu gostei dentro das ilhas, que nós fomos pra...

P/2 – Que ilhas você foi?

R – Mykonos e Santorini.

P/2 – Ah, Santorini é muito bom

R – Nossa, que delícia. Ah, vou contar uma de Mykonos. Chegamos a Mykonos, descemos, está todo mundo lá com nome, aquele papelzinho, mostrando que estão te aguardando. Nada de achar. E eu, tudo eu lia no guia: se tiver algum problema, procure a polícia. Como chama a polícia?

P/2 – Militar.

R – Não, não, não. De gente que está viajando mesmo.

P/2 – Federal?

R – Não.

P/2 – Bom, a polícia.

R – Bom, a polícia. Especializada nos...

P/2 – Estrangeiros.

P/1 – Nos turistas.

R – Isso. Aí todo mundo foi embora, e nós lá. Eu falei pra minha prima... Não, minha prima... É. Falei pra minha prima: “Pra gente não ficar andando com tudo isso, você fica aqui com as nossas malas, eu e a Luiza vamos tentar achar o tal lugar.” Porque me informei onde era. Como era Pentecostes, estava tudo lotado. Foi o tal dia, e a minha amiga, amiga da minha prima, fomos lá e eles mostraram onde era, vamos dizer, o escritório de quem devia ter ido nos buscar, que era perto, nos levaram até lá. Chegou lá, ele falou que ele tinha ido buscar, e que a gente não estava lá. Eu falei: “A gente estava lá desde o começo, você não foi.” E ele dizia que tinha ido, e teimando comigo. Eu falei pra minha prima: “Vamos falar com a polícia.” Eu não lembro o nome, que polícia era. Polícia turística, uma coisa assim. Quando ele escutou o nominho, ele falou: “Só um momento, por favor.” Ele foi lá dentro, deve ter arrumado um lugar pra gente ficar, aí ele mandou uma pessoa nos levar. Ainda falei pra ele: “Mas, quando a gente chegar a Santorini, vai ser esse problema, ou lá vai ter alguém esperando?” “Não, com certeza vai. Mas eu estive lá.” Eu falei: “Você não esteve lá.” Chegamos ao tal hotel, ainda estavam arrumando o quarto. Acho que ele arrumou na última hora. Mas no fim deu tudo certo. Mas, quer dizer, foi uma coisa que a gente ficou em palpos de aranha. Quando voltou pra pegar a minha prima – eles são tão grossos, ao mesmo tempo que eles são simpáticos, eles são tão grossos –, quando o cara percebeu que a minha prima estava lá, não sei se ela ficou com medo de gastar o dinheiro, que não sabia o que ia acontecer conosco, não sabia nem pra onde a gente ia, ele falou pra ela: “Então, espera lá fora”. Ela não entendia, mas ele mostrou que era pra sair de lá de dentro. Bem grosso. Que mais? Que eu lembrei agora e já esqueci o que eu ia contar.

P/2 – Da praça? Alguma coisa da praça?

R – Então, mas da praça eu contei, foi o cara que ele era mesmo o taxista e que ele pegou quase todo o nosso dinheiro, que não deu nem pra pagar a charrete da volta, e nós já tínhamos trocado o que era pra vários dias.

P/1 – Zilda, eu estava lembrando que você disse que, logo no começo na Colgate, vocês tiveram um treinamento num aeroporto, né?

R – Sim. Não, não foi logo no começo, não.

P/1 – Agora eu lembro, ouvindo todas essas viagens.

R – Não foi logo no começo. A Colgate, vira e mexe, dava alguns cursos meio diferentes. Então, ela fez um treinamento com a gente no aeroporto, que a gente ia ver, vamos dizer, um embarque, desembarque, no caso, um check-in, um check-out, as reservas como eram feitas, e um avião por dentro. A gente entrou num avião. Foi muito gostoso também.

P/1 – Você não tinha ainda viajado nenhuma vez?

R – Não me lembro. Não sei, pra falar a verdade. Mas a parte burocrática eu não conhecia. Porque, por exemplo, essas viagens da Colgate, tinha uma agência que fazia pra gente, então, eu quero ir pra tal lugar, ela fazia tudo, te entregava na mão. Essas coisas eu não sabia. Gostei bastante também.

P/1 – E você usou isso depois para o seu trabalho.

R – Usava. Usava, porque meu chefe e qualquer outra pessoa do departamento que fosse viajar, eu tinha que preparar a viagem deles, ver o hotel, ver viagem, ver os voos. Outra coisa que a Colgate também teve, não sei se eu já te falei, ela contratou um personal trainer, que a gente começou com caminhada. Aí, quem queria, quem tinha predisposição pra corrida, continuava com a corrida, como quem não, ficava só na caminhada. Eu fiquei só na caminhada, eu e várias outras pessoas. E meu marido ficou na corrida, ele e várias outras também.

P/2 – Era competitivo?

R – Era. Toda maratona, ia viajar em tudo... Iam correr em tudo quanto era lugar próximo, que tinha viagem, eles iam. Viraram fanáticos. Eu falei que meu marido era fanático por duas coisas: corrida e pescaria. Todo ano ele ia pescar.

P/1 – E ele participava bastante das festas de final de ano?

R – Participava de tudo. Nossa, ele era arroz doce de festa.

P/1 – Você e ele?

R – Ele mais que eu. Eu participava também, mas ele era bem mais ativo.

P/1 – O que vocês faziam nessas festas de final de ano?

R – Bom, eu só ia participar, mas ele ajudava inclusive acho que na organização, sei lá. Mas no dia da festa ele também só era participante. No dia, ele não...

P/1 – Conta dessas festas. Que festas eram essas que ele ajudava?

R – Então, todo final de ano a Colgate fazia uma confraternização entre todas as unidades. Normalmente, era no Jaguaré, que tinha um pátio bem maior. E tinha churrasco, bebidas, e tinha sempre show de alguma coisa, cada ano era um show, ou era de escola de samba, ou era não sei o quê, esse tipo de show. E, depois, no final de tudo, tinha sorteio para os funcionários. Aí não era todo mundo que ganhava, só quem era sorteado que ganhava prêmio.

P/1 – Você ganhou alguma vez?

R – Ganhei. Uma vez eu ganhei. A gente achou gozado, porque nós dois ganhamos. Eu ganhei, se eu não me engano, um liquidificador, e ele, uma bateadeira, e a gente estava mobiliando o apartamento que tinha comprado em Ubatuba. Foi um tiro certo, já levou pra lá. E o que mais a Colgate tinha? Nossa, a Colgate tinha tanta coisa de bom.

P/2 – Vocês iam bastante pra Ubatuba?

R – Mas sem Colgate. Aí éramos nós.

P/2 – Sim. Vocês têm uma casa lá?

R – Um apartamento.

P/1 – Eu ia perguntar do casamento de vocês. Como foi esse dia do casamento, os dois sendo da Colgate? Conta como fez.

R – Bom, a igreja, além dos amigos, a maioria era pessoal da Colgate. Além do quê, no mesmo dia que eu casei, tinha outra moça da Colgate que casou na mesma igreja. Muita gente já foi, ficou no dela, depois no meu.

P/1 – E esse dia, que lembranças você tem daquele momento? Emoções?

R – Eu estava calma, aí eu fui arrumar meu cabelo, a menina começou a falar um monte de coisa, conclusão: me deixou supernervosa. Eu cheguei em casa e tinha uma amiga minha lá, uma espanhola, ela estava lá pra me ajudar no que precisasse. Eu tinha comprado uma... Ou comprei na hora, sei lá, Maracugina. Aí eu bebia: “Nossa, mas eu continuo nervosa.” Aí bebia: “Nossa, continuo nervosa.” Até que uma hora ela se encheu, pegou o vidro de Maracugina, jogou na pia, falou: “Acabou. Daqui a pouco você vai dormir.” Então, eu entrei na igreja, parecia uma boba. Eu entrei, sabe quando você está passeando no bosque? Minha mãe que falava. Mas é porque eu tinha tomado muito calmante. Isso foi uma coisa que eu lembro bem. Mas depois todo o resto foi normal, foi muito gostoso. A gente fez uma festa, mas não é uma festa, fez uma festinha pra família. A casa em que eu morava com a minha mãe ficou vazia, porque depois a gente já levou tudo pra casa nova. Então, a gente fez a festa, não é como hoje que você vai pra salão, tem tudo aquilo. Não. A gente fez a festa nessa casa que ficou vazia, e também foi só pra família, ou algum amigo muito íntimo, senão também não.

P/1 – E filhos depois vocês tiveram?

R – Depois de três anos de casada, eu tive a Flávia. Faltavam dois meses pra fazer mais três anos a Flávia, foi quando nasceu a Luciana. Só as duas.

P/1 – Como foi, Zilda, pra você a mudança da vida de trabalhar na Colgate, depois...

R – E ficar em casa. Foi triste.

P/1 – Como foi? Conta.

R – Quando eu saí da Colgate... Ah não, mas isso foi agora, não foi quando nasceu minha filha, não. Quando nasceu minha filha, tudo eram flores, tudo era novidade, tudo era gostoso. Essa aí foi uma época muito boa, e com a neném, e logo me distraí. O que foi ruim quando eu saí da Colgate foi a segunda etapa, foi quando eu fiquei mais anos. Quando eu saí da Colgate, eu acordava de manhã e falava assim: “Nossa, o que eu vou fazer hoje?” Eu estava meio... Não sabia o que fazer. Sabe quando você está totalmente desorientada? E eu já sabia que meu marido ia sair logo em seguida, porque já estava na época. Eu falei: “Nossa, quando o Ermito sair da Colgate, como vai ser?” Porque ele era muito mais ativo, em tudo na Colgate ele se metia. Então, eu achei que ele fosse sofrer muito mais. Não sofreu nada. E, como ele era pescador, que eu já contei, o que ele fazia? De manhã, ele levantava – eu tinha uma cachorra pastor-alemão –, ele pegava a cachorra, ia pra USP [Universidade de São Paulo] correndo com a cachorra, corria lá dentro, voltava pra casa, tomava seu banho, comia alguma coisa, ia lá para o fundo da minha casa, que a gente brincava que era o apartamento dele, que tem um salão embaixo, em cima tinha outra parte, que a gente falava que era o apartamento dele. Aí ele ficava fazendo anzol pra pescaria, esses negócios de pôr na vara. Não o anzol propriamente dito, que é comprado, mas as coisas que vão nele. Fazia pra ele, fazia para os amigos. Então, ele ficou muito bem. Eu que pensei que fosse ficar bem, nossa, demorou pra eu acertar meu passo fora da Colgate.

P/2 – E como você acertou? Quais eram seus hobbies? Você descobriu algum hobby? Como você acertou depois?

R – Eu acertei não por uma coisa muito boa. Minha mãe começou a ficar doente, daí eu ainda pensei: “Nossa, ainda bem que eu estou em casa, porque, se não, como ia ser?” Porque deixar minha mãe com empregada, ou com minhas filhas ainda... Não, já eram grandes. Já eram grandes. Então, eu acabei saindo da sintonia da Colgate pra ficar na minha casa. Eu moro bem perto da Colgate, então, eu lembro que quando eu ia à USP, que eu também ia lá fazer aula, condicionamento físico, quando eu voltava da USP pra ir pra minha casa, eu passava atrás da Colgate, eu ficava olhando, falava: “Nossa, que saudade.” Eu queria estar lá dentro. Hoje eu passo... (risos) Também, depois de tantos anos, 17 anos já que eu saí.

P/1 – Quanto tempo desde que você saiu?

R – Dezessete. Eu saí em 2000. Eu passo numa boa, não...

P/2 – Você encontrou algum hobby? Você gosta de fazer alguma coisa?

R – Então, eu gosto muito de ver... Na época, eu peguei muito curso de culinária, meu marido ia junto, que ele gostava de cozinhar. Tinha outra amiga nossa que ia, a gente acabou indo no embalo dela. Ele, o hobby dele todo dia era corrida e as coisas da pesca, mas eu... E, quando tinha os cursos de culinária, ele ia junto. Mas, depois, olha, a minha neta nasceu em 2004, nem demorou tanto assim. Minha mãe já estava doente. Depois, nasceu a minha neta, aí meu hobby era direcionado todo pra minha neta, porque a minha filha...

P/1 – Como ela chama?

R – Júlia. A minha filha tirou a licença-maternidade de todo mundo, quando ela voltou a trabalhar, a Júlia ficava direto comigo, não à noite. Ela chegava do serviço, passava, fazia questão de levar a menina pra casa dela. De manhã, deixava. Tanto é que ela tinha bercinho, tinha tudo na minha casa o que ela tinha na casa dela. Então, eu virei avó 24 horas.

P/1 – E como é ser avó?

R – Uma vez me falaram que avó... Não, que neto é filho só que com leite condensado. E realmente é isso. Só que você tem que curtir enquanto eles são menores. A minha neta está com 14 anos, ela é um amor comigo, não tenho queixa nenhuma, mas os interesses dela são outros agora. Ela gosta de sair com os amigos, ela mora num prédio que tem muita gente da idade dela, então, pra ela é muito mais... Mesmo que eu vá lá, é mais interessante pra ela ficar lá embaixo com os amigos do que no apartamento comigo.

P/1 – Quando ela era pequenininha, que ela ficava bastante com você, você se lembra de situações de ela criança, você com ela?

P/2 – Vocês eram próximas? Tinha uma relação...

R – Nossa, muito.

P/1 – Coisas que você gostava de fazer junto com ela?

R – Tudo. Tudo.

P/1 – Conta algumas coisas.

R – A gente que levava pra escola, pegava da escola. Ela começou acho que com dois anos a ir para escolinha, mas antes disso ela ficava lá em casa, a gente ficava as 24 horas juntas. Então, por exemplo, eu falava pra minha filha: “Flávia, a Júlia deu os primeiros passinhos.” “Ah, por que eu não vi?” Quer dizer, ela perdia tudo, judiação, a gente que participava de tudo. “Flávia, está nascendo um dentinho.” “Ah, eu não percebi.” Eu que via. Eram essas coisas.

P/1 – Vocês passeavam juntas?



R – Então, às vezes eu ia pra Ubatuba e por milagre os pais deixavam a Júlia ir junto. Ela gostava também, e pra gente era uma delícia estar com ela toda hora.

P/1 – Na praia.

R – É. Mas, depois que ela ficou um pouquinho maior, ia, mas a mãe ia junto. Entendeu? Como agora. Agora ainda vai, mas normalmente vai só com a mãe. Se bem que, se eu convidasse pra ir sozinha, sozinha não, ela iria comigo, e tenho certeza que ela ia falar: “Vovó, posso levar fulana junto?” Sempre tem que ter alguém.

P/1 – Zilda, ela se lembra de alguma coisa que ela comenta com você: “Ah, vovó, você fazia isso pra mim?”

R – Ela não lembra muito. Às vezes eu comento com ela o que ela aprontava, e ela fala: “Eu não acredito que eu fiz isso”.

P/1 – Teve alguma situação assim?

R – Não, por exemplo, às vezes ela estava com sono, você queria que ela comesse, ela começava a comer e dali a pouco estava assim. Uma vez ela... Sabe aqueles cadeirões que você põe pra criança comer? Uma vez, coitadinha, ela caiu dura em cima da comida. E a gente conta, ela fala: “Ah, vovó, eu não acredito que você deixou.” “Não deixei, Ju. Numa bobeadada que eu dei... Você estava querendo dormir, aí você de repente dormiu, é como se tivesse desmaiado.”

P/1 – Você quer perguntar alguma coisa? A gente já está concluindo.

P/2 – E nesse tempo que você e seu marido passaram juntos, tem algum momento que foi muito bacana? O que você se lembra de... Se você fosse eleger um momento muito precioso da vida de vocês...

R – É claro que muita coisa marcou. Por exemplo, muita viagem que a gente fez, tudo pra lugar que não conhecia e tinha vontade de ir etc., graças à Colgate conseguimos. Quando eu fui pra Europa, ele não quis ir junto, ele falou que: “Ah, não. Vou ficar vendo museu, não sei o quê?” Então, fomos eu, minha prima e a amiga dela. Quando eu voltei, e ele viu que a gente tinha ido, ele viu que tinha perdido, aí ele ficou... Disse que depois a gente iria de novo, mas nunca mais eu voltei, nem ele. Então, teve muitas coisas boas, o nascimento das filhas, a educação, a educação que eu digo, o convívio que você tinha com as meninas era muito bom. Quando nasceu a neta é onde a gente mais... Parece que você até esquece que... Por exemplo, ia levar à escola, não ia ou a Zilda ou o Ermito levar a Júlia pra escola. Iam a Zilda e o Ermito. Ia levar, ia buscar. Pra gente, o neto é tudo.

P/2 – E você também ficou 32 anos?

R – Trinta e dois. Ao todo, do primeiro período e do segundo.

P/2 – Quais foram as principais transformações que você viu lá dentro nesse tempo?

R – Nossa, muita coisa automatizou, porque antigamente era tudo manual. E do período que eu saí pra quando eu voltei, já tinha mudado muita coisa, porque é tudo muito rápido. Que nem a parte do computador, que eu te falei, que antigamente parecia nem sei o quê, parecia um aparelho de som lá, de tão grande. Depois, toda secretária já tinha seu computador na mesa, era tudo automatizado. Tanto eles faziam o líquido do detergente, vamos falar assim, pra você entender, quanto os frascos. Então, tinha máquina que fala, que sopra, porque na realidade é o sopra mesmo que vai e depois forma o frasco. Tinha tudo, desde... Chegava a matéria-prima do frasco, saía de lá o material pronto pra entregar já. Não só do detergente, vamos dizer, do creme dental... A Colgate, por exemplo, quando comprou a Kolynos, a Kolynos era bem grande também, mas lá acho que era mais creme dental e escova de dente, parece. Agora, esse “agora” que eu te digo não quer dizer agora, agora, porque já faz tempo que eu estou fora, mas, vamos dizer, uns dez anos, talvez até mais pra trás, todo creme dental se juntou na Anchieta, que era a Kolynos. Tinha uma fábrica em Osasco, lá na Vila Yara, também foi tudo pra Kolynos, fechou a de Osasco. Na Vila Mariana, que tinha a fábrica, só tem escritório agora na Vila Mariana, antigamente era creme... Tinha um monte de coisa lá: creme dental, naquela época tinha sabão em pó, que não existe mais, tinha brilhantina, que não existe mais, tinha detergente líquido, aquele Dynamo... Não. Aquele lá acho que era em Jaguaré. Escova dental. Muita coisa. Aí lá na Vila Mariana agora a parte inteirinha é só escritório, não tem mais fábrica de nada. E tinha o depósito, que era onde a mercadoria pronta ia, lá em Jaguaré, que já faz anos não é mais em Jaguaré, foi pra... Acho que pra Anchieta, se não me engano. Não na Kolynos, num outro local. E de lá parte para os clientes.

P/1 – E a convivência, teve mudanças dentro?

R – Então, antigamente tudo era festa, que nem eu te falei. Festa que eu digo, não festa exatamente. Você tinha amizade com todo mundo, todo mundo ia à casa de todo mundo, fazia baillinho na casa do colega, a outra semana era na casa do outro, mas tudo vai mudando, a pessoa também vai ficando mais ocupada, acho que mais coisas aparecem. Hoje em dia, eu sei que a Colgate está bem diferente.

P/2 – Você tem contato com as pessoas daquela época?

R – Tenho de algumas. Sobraram bastantes amigos. Mas dos que estão lá são poucos.

P/2 – E você encontra ainda esses amigos?

R – Sim. Faz pouco tempo, nós fizemos um almoço dos “ex-colgateiros”, se bem que teve até uns que não eram ex, também foram. Até no Charles foi, que você conheceu. Mas de vez em quando a gente... Agora estamos assim: “Quando nós vamos fazer o segundo?”

P/2 – E como foi? Como foi?

R – Foi ótimo. Nossa, tinha gente que você não via. Tem um que trabalhava na Colgate, foi trabalhar... Ele mudou pra Brasília. Pois ele veio para o almoço. Outra menina que era da minha época, da primeira... Não, foi a segunda, foi a segunda. Não, da primeira parte. Ela mudou para o Rio, ela também veio. E fora os daqui mesmo. E muitos que não souberam. Então, todo mundo que ficou sabendo depois pelo Facebook, tudo vocês sabem, né?

P/2 – E vocês conversam mais sobre atualidades, ou lembram os momentos?

R – Lembram bastante coisa. A gente lembra.

P/2 – O que vocês lembraram?

R – A gente se lembra de muita coisa da Colgate.

P/2 – Como foi? Quais foram as lembranças que surgiram nesse almoço?

R – Ah, de tudo. “E fulana, por que não veio? Nossa, como está lá agora?” Quer dizer, nem todo mundo que estava lá sabia como estava lá agora, mas tinha alguns que ainda estavam por dentro.

P/1 – E o que mais apareciam de lembranças assim: “Ah, que saudade. Lembra como era...?”

P/2 – Alguma coisa engraçada que aconteceu?

R – Nesse almoço?

P/1 – O que todo mundo lembrou?

P/2 – O que todo mundo lembrou, ou que você se lembre agora. Teve algum fato engraçado? Alguma história absurda, inusitada?

R – Não estou lembrando. Nesse almoço?

P/2 – Não no almoço, mas do que vocês lembraram, ou mesmo do período na Colgate.

R – Você quer ver uma coisa? A primeira palavra quando a gente se encontrou: “Oi. Tudo bem? Você sabe como está o pessoal da Colgate?” Então, a gente está sabendo que tem pouquíssimas pessoas da nossa época. Algumas tem, mas já bem poucas. E, por sorte, olha como são as coisas, a minha vizinha foi trabalhar na Colgate. Ela é secretária da presidência. Aí, vira e mexe, a gente fica falando de Colgate, ela me conta como está, eu conto como era.

P/2 – E os chefes eram muito rígidos?

R – Mais ou menos, não eram... Agora parece que eles são mais, dizem.

P/2 – Teve algum momento que te pediram alguma coisa que você não conseguiu fazer, ou fez errado?

R – Eu acho que não. E, também, você tinha liberdade pra chegar, falar: “Olha, eu não estou conseguindo. Como faz isso aqui?” Ou: “Como é isso aqui?” Entendeu?

P/1 – Dos dois períodos, Zilda? Eu ia te perguntar isso.

R – O primeiro período era bom, e o segundo, acho que porque talvez eu tenha ficado mais anos, eu achei melhor ainda.

P/1 – No que era melhor?

R – Em tudo. Na amizade que você tinha com o pessoal, do que você fazia depois do serviço. Ah, houve uma época que a gente, toda sexta-feira... Isso bem pra trás. A gente saía toda sexta-feira, ia jogar boliche, tinha campeonato de boliche. Tanto ia chefe, quanto ia funcionário, diretor, quem quisesse. Combinava e ia.

P/1 – E você era boa no boliche?

R – Mais ou menos. Acho que eu era bem melhor do que se eu fosse tentar fazer hoje. Que acho que até a bola já ia me derrubar hoje.

P/2 – E o que a Colgate era pra você?

R – Nossa, eu sempre falei que a Colgate pra mim é como se fosse minha família. E não é por falar, eu sentia isso. Como eu sentia, vamos dizer, eu saía de férias, claro, quem não gosta de férias? Mas chegava no finzinho das férias, você falava: “Nossa, eu gostaria de voltar pra Colgate.” Porque, quando você termina as férias, normalmente você vem pra tua casa, primeiro tem os teus afazeres, pra depois você voltar, você nunca fica as férias inteiras viajando. E eu tinha vontade de voltar pra Colgate. Mas era assim, era uma amizade muito boa. Pelo que comentam, hoje não existe. Mas era muito, muito gostoso.

P/1 – E as suas filhas conviviam também na Colgate?

R – Na época, tinha aqueles almoços das pessoas carentes lá, daquelas crianças, elas iam pra ajudar. Não só minhas filhas. Tinha filhos de um monte de gente que também iam pra ajudar, pra brincar com a criança.

P/2 – As suas filhas trabalham com o quê?

R – A mais velha trabalha no Objetivo. Também é o único emprego dela, vai puxar aos pais, já está lá há 20, não sei quantos anos.

P/1 – Com o quê?

R – O meu marido trabalhou quase 43 na Colgate. Quase 43 anos.

P/2 – Espera aí. Ela trabalha no Objetivo como...

R – Ela era da sessão de... Espere um pouquinho, me deixe lembrar o nome. Não é programadora. Ela era analista. E agora ela está num outro lugar, que é mais burocrático. Ela diz que prefere o anterior, mas acharam que ela ficava bem lá, porque estavam precisando, não sei o quê, ela está lá. Está numa parte mais administrativa, mas está gostando também. A Luciana se formou em Publicidade e Propaganda, chegou a fazer um estágio na Colgate na época, até o Charles que arrumou, mas depois era assim, ela ia às agências: “Tá bom, você fica aqui, aqui está tua mesa, aqui está teu telefone, o que você conseguir pra agência, você tem uma porcentagem” Não tinha nada de benefício. Não tinha salário, não tinha ajuda de custo, não tinha nada. Aí ela foi se desiludindo e está sem trabalhar. Casou, né?

P/1 – A gente acabou não perguntando, e agora você falando da situação das filhas como profissionais. Você fez o ensino médio, concluiu, e depois?

P/2 – Se você puder falar.

R – Então, eu concluí o médio... O médio é o colegial que a gente falava, não é isso? Então, eu fiz o ensino médio e não fiz faculdade. Não fiz faculdade. Porque é assim: quando eu comecei a trabalhar na Colgate, nesse período eu já estava estudando à noite. E eu entrei na Colgate em 61, em 65 casei, pra depois ainda fazer faculdade à noite? E era tudo muito difícil, como eu falei, meu marido fazia, a gente morava no Jabaquara, não tinha carro. Era tudo muito longe, e eu teria que seguir o mesmo. Não fiz faculdade.

P/1 – E mesmo assim, a sua carreira na Colgate...

R – Então, porque lá, é o que eu te falei, antigamente tudo era diferente. Você que começava e ia subindo, subindo, subindo, subindo. Quer dizer, mesmo continuando como secretária, não é que eu fui nada além de secretária, mas, em todas as sessões que eu... Em todos os departamentos que eu fiquei, eu gostava do mesmo jeito. Todos eles eu gostei, todos eles eu me senti reconhecida, adorava. E não me fez falta a faculdade. Hoje em dia eu sei que faria, porque tem gente com duas, três faculdades, que está difícil até pra arrumar emprego. Aliás, com tudo está difícil. Mas naquela época...

P/2 – E do teu trabalho que você fazia lá, por que você gostava tanto de fazer? O que você fazia com prazer?

R – Ah, o trabalho de secretária.

P/2 – Mas o quê no trabalho de secretária que você gosta?

P/1 – Que atividades assim?

P/2 – É. Quais são as atividades que te dão prazer?

R – Por exemplo, meu chefe falava: “Olha, precisa fazer um relatório disso, daquilo, daquilo, não sei o quê.” Você tinha que se virar, pegar informação com quem tinha que ser, fazer e entregar pra ele. Às vezes ele te dava a carta já. Normalmente, ele já dava manuscrita, pra você só digitar. No começo não era digitar, não. No começo eram aquelas máquinas. Tudo bem. Não, no começo acho que nem a elétrica não era. Depois passou pra elétrica, aquela de esfera, lembra? Acho que era IBM. Que você, se errasse, tinha que apagar. Depois do computador, nossa, minha vida... Como a de todo mundo, eu acho. E trabalho de secretária era arquivo, era fazer relatórios, era mandar correspondência, receber,

distribuir.

P/2 – Você é uma pessoa organizada?

R – Eu achava que eu era.

P/2 – Tem que ser, né?

R – É.

P/1 – E a relação com os chefes?

R – Muito boa.

P/1 – Já que você era secretária, tinha uma relação próxima.

R – Esse que... O penúltimo, ele era americano, ele veio, ficou alguns anos, a mulher dele não conhecia nada aqui, então, eu era secretária na Colgate e tinha que às vezes ver muita coisa pra ela, que ela não sabia nem por onde ver. Depois ela pegou muita amizade, ela se virava sozinha. Quando ele foi embora, ele voltou para os Estados Unidos, ele não queria ir, não. Ele gostava daqui, mas teve que ir. Acho que ele foi pra New Jersey. O que assumiu o posto dele foi um que já era daqui mesmo e foi com ele que fiz os acertos finais pra sair, porque antigamente era assim: cada departamento tinha sua secretária, aí cada dois departamentos tinha uma secretária só, até que foi diminuindo, eles foram ficando mais... Como fala? Donos da situação, e não precisavam tanto da secretária. Eles achavam que secretária era besteira. Até telefonista não tem mais, tanto na Colgate de Jaguaré, quando na Colgate da Vila Mariana. E antigamente você passava pela telefonista, passava pela secretária, falava com... Agora não tem nada disso. Tem a secretária da diretoria que eu sei, do RH [Recursos Humanos]. Bom, agora nem posso falar, porque eu também não estou tão por dentro. Mas é muito difícil o departamento que tem uma secretária pra ele sozinho.

P/1 – Zilda, e alguma vez você passou um apuro? Que um deles te pediu alguma coisa, ou alguma coisa que você teve que fazer, ou alguma coisa que você foi desafiada?

R – Deixe-me tentar lembrar alguma coisa. Não lembro.

P/1 – Então, foi tranquilo.

R – É, porque era uma continuidade, entendeu?

P/1 – Sim.

R – De um departamento para o outro, você continuava sendo secretária, continuava. Só mudava o que você fazia lá porque era outro assunto, mas não deixava de ser a mesma coisa.

P/1 – Certo.

P/2 – Olhando a sua trajetória de vida, você mudaria alguma coisa hoje?

R – Não. As minhas filhas acham graça que eu falo assim: “A Colgate pra mim foi como se fosse a minha família.” Elas falam: “Ah, mãe, pelo amor de Deus.” “Pelo amor de Deus não, pra mim era.” Eu me sentia bem, era um lugar que eu gostava de ir, eu não me incomodava, vamos dizer: “Poxa, amanhã é segunda-feira, eu tenho que trabalhar.” E daí? Eu sabia que eu ia encontrar os meus amigos, que eu ia trabalhar num lugar que eu gostava, era muito bom. E também só trabalhei na Colgate, não conheço outro lugar.

P/1 – E hoje, Zilda, o que é muito importante pra você hoje?

R – Hoje é assim: o mais importante é você ver teus filhos bem, a tua vida caminhando mais ou menos, porque não dá pra ser muito diferente hoje. A minha filha mais velha, por exemplo, ela casou, teve essa menina, um belo dia separou, que você nunca espera. Ela está sozinha. A outra minha filha casou, mas já casou com mais idade, não teve filhos. Foi assim, ela casou em setembro de 2009. No fim de outubro de 2009, meu marido começou a ficar doente, ela morava... Nós fizemos a viagem inversa, eu mudei do Jabaquara... Na realidade, é Vila Guarani. Você fala Vila Guarani, ninguém sabe onde é, então, eu falo Jabaquara, que é pra aquele lado.

P/1 – Eu sei.

R – Eu, quando mudei de lá para o Jaguaré, eu detestei, porque eu deixei todo mundo lá, não sabia onde tinha nada. Osasco é pertíssimo da minha casa, até hoje eu não conheço direito. Eu ia à Lapa, ia ao Centro, mas não ia pra Osasco. Ela morava no Jaguaré, e o marido dela já tinha apartamento lá na Vila Guarani, então, ela foi pra Vila Guarani. Ela fez exatamente o oposto do que eu fiz. E estava custando a se acostumar, pra ela tudo lá era estranho, não se adaptava muito. Meu marido começou a ficar doente, então, ela ficava mais tempo na minha casa do que na casa dela. Todo o tempo que meu marido ficou doente, ela praticamente ficou na minha casa, o marido veio pra minha casa também e ficou todo mundo aí. Quando meu marido faleceu, ela ficou mais um tempo comigo e voltou pra casa dela. Aí eu precisei operar o coração, ela voltou pra

minha casa, e fica naquilo. Tanto é que agora, ultimamente, ela não queria nem ver como estavam as coisas na casa dela. Faz acho que uns dois meses que oficialmente o endereço dela agora é meu endereço. Eles trouxeram tudo de lá, que ficava tudo fechado. A minha casa é grande, e o apartamento dela era pequeno. Mas eles trouxeram tanta coisa, que eu falo: “Meu Jesus, minha casa é grande, mas está difícil botar tudo o que ela tem dentro de uma casa que já tinha tudo.” Por exemplo, a minha lavanderia está com duas máquinas de lavar roupa.

P/2 – Mas essa é a casada?

R – A casada. As duas são casadas. Quer dizer, uma separou já.

P/1 – A que você tem a netinha é a que separou.

R – É a que separou.

P/2 – Essa que foi morar...

R – É a Luciana, a mais nova.

P/1 – A mais nova.

R – É ela e o marido só, não tiveram filhos.

P/1 – Você fez uma cirurgia no coração?

R – Então, era assim. Eu sabia que eu tinha... Na Colgate, você sempre fazia aqueles exames periódicos, aí a médica escutou, ela mandou passar por um cardiologista, fazer um exame, nem lembro, faz tantos anos. Ela falou pra mim: “Eu estava pensando mesmo, a senhora tem sopro.” Bom, sopro todo mundo quase tem. Tudo bem. Com o passar dos anos, comecei a ir a cardiologista, viram que eu tinha estenose aórtica. A válvula da aorta já não tinha um movimento muito bom, tanto é que lá na USP eu fazia condicionamento físico junto com todo mundo, e tinha uma médica que você tinha que passar por ela, não lembro se era uma vez por ano ou duas. Aí ela dizia que ela não ia me aprovar mais se eu não passasse pra turma do Incor [Instituto do Coração]. “A senhora pode ter uma morte súbita.” Eu falei: “Pelo amor de Deus, eu não vou ter morte nenhuma.” Eu sei que eu ainda fiquei enrolando-a não sei se um ano ou mais, até que uma vez ela falou: “Ou você passa pra turma do Incor, ou você vai parar de fazer aqui, porque eu não posso me responsabilizar por isso.” Eu ia ao cardiologista, eles falavam assim: “Tá tudo bem.” Eu falei: “Mas eu não tomo remédio, não faço nada.” “Não, a senhora só tem que controlar, uma vez por ano passar por todos os exames e ver como está.” “Então, tá tranquilo.” Então, eu achei que ia ser assim a minha vida toda. Quando meu marido ficou doente, depois que ele morreu, minhas filhas começaram: “Mãe, faz tempo que você não vai ao cardiologista, é bom você dar uma olhada.” Isso no mesmo ano que ele morreu. Ele morreu em maio, dia 31 de maio, eu comecei a ver isso em outubro. O médico falou assim pra mim: “A senhora tem que fazer uma cirurgia cardíaca com urgência.” Eu falei: “Por que com urgência?” “A senhora tem estenose.” Eu falei: “Eu sei.” A sabidona: “Eu sei. Eu tenho isso há muitos anos e sempre me falaram que eu não tinha nada pra fazer, só acompanhar.” “Pois é, mas seu gradiente está muito alto, a senhora tem que fazer a cirurgia.” Bom, minha filha, eu fui acho que a uns cinco ou seis médicos, porque eu queria escutar que um falasse que eu não tinha que fazer. Até que a minha filha mais velha, esse último médico que eu fui, ela foi junto, aí ele falou a mesma coisa, ela falou: “Pode marcar. Ela vai fazer a cirurgia.” Eu falei: “Vou nada.” “Vai, mãe. Já perdemos o papai, não vamos querer perder você.” Aí eu operei dia três de dezembro do mesmo ano que meu marido tinha falecido. A partir daí, a Luciana ficou praticamente direto comigo. Ela ia, ficava um final de semana, voltava. Mesmo eu estando bem, que eu estou... Meu problema maior agora é artrose. Eu tenho artrose nos joelhos e no quadril, só que o quadril me prende, pra andar é difícil, pra abaixar. Eu não consigo, por exemplo, pôr meia nesse pé. Nesse eu consigo, nesse não. Então, ela falou: “Pra que eu vou ficar num lugar que eu não gosto se eu sou mais útil aqui?” E o marido dela é um amor. Ela falou, ele concordou, quando a gente viu, perguntaram se podiam fazer a mudança.

P/2 – Parece então que você é a sogra dos sonhos, né?

R – É que nem eu falo pra minha filha, às vezes ela fala: “Você é muito puxa-saco do Joca.” Eu falo: “Ele é pra mim como um filho.” Às vezes ele faz coisa pra mim que eu preciso ficar enrolando pra ela fazer. Pra você ter ideia se uma sogra ia pedir isso pra um genro: domingo eu tive que sair, ela estava acho que ocupada, estava tomando banho, eu sei que ela não estava, e eu tinha que sair. Falei: “Joca, eu não consigo pôr a meia, você põe?” Ele me pôs a meia, ele me pôs o tênis, que nessa perna eu não consigo fazer nada disso. E ele sempre faz. Assim, tudo que eu peço, ele me faz. Pra mim, ele não é meu genro, ele é meu filho.

P/1 – Coisa boa, né? E você está bem, está ótima.

R – Do coração eu estou bem, todo ano eu faço os exames, graças a Deus está tranquilo. Porque eles falam que o prazo de vida da valva... O certo é valva, que a gente fala válvula, né? Mas é valva. O certo não, o previsto é de dez anos, tem gente que dura mais, tem gente que dura menos. Então, essa que mora comigo, a Lu fala assim: “Mãe, pelo amor de Deus, para de comer manteiga, para de comer isso, para de comer aquilo.” Porque já faz sete anos. Vai fazer no final do ano. “Daqui a pouco você vai ter que trocar essa válvula antes do tempo.” Eu falei: “Ah, não, uma operação eu fiz, mas a segunda dessa eu não faço, não.” E tem gente que eu conheço que faz quase 20 anos e não precisou fazer nada, então, eu tento não fazer nada muito errado. Agora, a artrose não tem jeito, ela vem e só piora.

P/1 – Quer falar? Você ia perguntar?

P/2 – Não, eu fiquei na dúvida agora. O teu marido, ele fez o quê na Colgate?

R – Ele também galgou mil coisas. Quando ele saiu de lá...

P/2 – Ele fez o quê durante todo o tempo? Mais ou menos, as principais funções?

R – Ele começou, quando eu conheci, ele trabalhava no “recebimentos”. Ele foi passando por... A ordem eu não vou lembrar, mas ele trabalhava como encarregado de setor, depois passou pra gerente e foi indo. Só mudava a sessão, mas o serviço sempre...

P/1 – Na gerência.

R – É, no final, porque ele não começou como gerente, ele começou como recebedor.

P/1 – Sim, mas depois ele continuou na gerência.

P/2 – E ele ficou doente de quê?

R - Teve câncer. E meu marido era assim, o fato que eu te falei, que ele era esportista, não comia gordura, não comia fritura, não comia frios: “Não, eu me cuido”, como quem diz “você não se cuida, azar o seu, eu me cuido”. Logo depois do casamento da minha filha, ele começou a não ficar muito bem, vira e mexe estava deitado e todo com frio, coberto, às vezes estava calor, eu achava muito estranho. Até que depois ele começou, tudo que ele punha na boca voltava. Eu falei: “Alguma coisa não está certa. Você pensa, você está comendo alguma coisa que está te fazendo mal.” A úlcera, ele já tinha operado logo que eu casei, eu casei em 65, ele operou acho que em 67. Hoje em dia também não se opera mais úlcera, mas naquela época operava. Ele foi ao médico do convênio, ninguém resolvia nada. Foi a um médico que era da família, já tinha sido da minha mãe, da minha filha, ele foi lá também. Aí o médico mandou fazer uma endoscopia. Nessa endoscopia do estômago deu que não tinha nada maligno. Quando ele viu o resultado, ele falou assim: “Olha, pra tua sorte, não é maligno, mas se você não operar já, daqui a pouco nem água não desce mais, está fechando.” Aí encaminhou, a gente foi para o hospital. Conclusão: resolveram fazer outra endoscopia. Eu falei: “Mas ele já fez?” “Não, mas eu vou fazer de novo e nós vamos pedir de vários pontos, porque não adianta você pegar uma ou duas amostras.” Conclusão: era câncer. E diz o médico que muita gente que operou... O método que eles tinham de operar úlcera naquela época, no local que foi tirada a úlcera é onde vinha o bendito. Quando foi que já estava fechando tudo – porque ele não sentia dor, não sentia nada – já estava em todo peritônio, tanto é que inicialmente falaram pra ele que ele ia fazer uma cirurgia, que ele ia ficar, não lembro, eu sei que vários dias, cinco, seis dias na UTI [Unidade de Terapia Intensiva]: “Não se assuste, porque é normal, porque nós vamos refazer o seu estômago, vamos pegar um pedaço do intestino, fazer um estômago novo, tem que esperar colar.” Bom, todos os termos, que eu não lembro tudo. Ele desceu, marcaram o dia da cirurgia. Ele estava muito fraco, teve que tomar um suco, sei lá, um negócio, que era que eu achava graça, ele falava: “Isso aí tem gosto de xixi de sapo.” “Você já tomou xixi de sapo pra saber como é o gosto?” Bom, até que acharam que ele estava bem, podia operar. O Doutor Carlos, que é da Colgate, ele é até hoje, ele também é maravilhoso, um homem... Ele ia lá todo dia ver o Ernito. Não tinha mais nada a ver com Colgate, mas ele ia lá todo dia ver o Ernito e ele foi participar da cirurgia. E tinham dito que a cirurgia ia ser muito longa. Fazia uma hora e pouco que ele tinha descido, chamaram a família, falei: “Meu Deus?”. Você pensa o quê? Morreu. Eles falaram: “Olha, não dá pra fazer mais nada. Não dá pra pegar nada do intestino pra fazer estômago, porque já está tomado o peritônio todinho.” O Doutor Carlos, que era esse da Colgate, que ainda é, e é amigo nosso, ele falou: “Zilda, infelizmente não tem o que ser feito.” E pra falar pra ele? Porque ele era tão otimista. Eu pedi para o médico dele, eu falei: “Você não vai falar pra ele que não tem jeito.” Ele falou: “Eu não posso mentir.” Eu falei: “Você não pode mentir, mas você pode omitir. Fala pra ele, sei lá, inventa uma história que ainda vai operar.” Primeiro ele não queria fazer isso, depois ele falou pra mim: “Olha, eu vou falar pra ele que o tumor está muito grande e que, se fosse tirar agora, ia pegar um pedaço da aorta, ele podia ficar na mesa. Então, que nós vamos tentar diminuir esse tumor pra depois operar.” Mas tudo isso era mentira, a gente sabia, só ele que não sabia. Depois eu nem sei se eu fiz bem, se eu fiz mal. Porque eu achei que, se ele soubesse, não sei se ele ia enfrentar, porque ele estava enfrentando tudo tão bem até aquela hora. Bom, conclusão, tudo que ele fez, claro que a gente já sabia que não ia dar certo, ele ainda aguentou acho que uns oito, nove meses. Aí não teve mais jeito e foi embora.

P/1 – E qual a lembrança mais feliz que você tem dele?

R – Feliz? Teve tantas felizes.

P/1 – Fala algumas ou uma que era mais cotidiana, que acontecia mais vezes.

R – Ah, por exemplo, o nascimento das minhas filhas com ele foi muito gostoso. Ele era muito brincalhão. Mas ele era brincalhão assim, se estivéssemos eu e ele. Ele tinha um bom humor, mas ele não era de ficar brincando, contando piada. Chegava uma pessoa, ou minha filha, ou minha mãe, ou quem fosse, ele virava um palhaço. Então, a vida com ele sempre foi muito alegre. E outra coisa: quando eu era moça, eu adorava dançar, e ele não queria saber de ir a baile, sei lá se por ciúme, que ele não queria saber. Quando nós ficamos já com idade, eu já tinha desacostumado, não estava nem aí mais pra baile, ele não queria ir a baile? Eu falei pra ele: “Mas agora me dói o joelho, eu não aguento.” “Não, vamos.” Mas uma vez ou outra, não ia sempre. Mas ele sempre foi muito... Acho que, se tinha que ter um marido pra mim, tinha que ser ele mesmo. Não dava pra ter sido outro, não.

P/1 – Muito bom. E, hoje, que coisa você tem vontade de fazer? Ainda fazer, um sonho, um projeto.

R – Hoje, pra mim, eu não tenho mais nenhum sonho. O que eu quero é ver minhas filhas bem. Essa minha filha que separou, ela demorou muito pra melhorar, está melhorando agora. Mas agora a filha dela está mocinha, está com 14 anos, e ela tem muito contato com o pai, porque o pai,

apesar de não ter sido um bom marido, é um bom pai. Só que assim, a pessoa podia separar e não precisava ser amigo da ex-mulher, mas o que se refere à filha, eu acho que devia ter uma conversa: “Olha, ela fez isso, não devia, tal, tal, tal.” Não. Não tem isso. Então, ele, pra minha neta, é o pai dos sonhos, tudo ele deixa, tudo pode, tudo é maravilhoso, tudo não sei o quê. A minha filha, em contrapartida, é enérgica, briga muito com a neta. A minha neta quando está brava fala: “Eu vou morar com o meu pai.” Porque ela que tem a guarda. “Eu vou morar com o meu pai, eu não vou mais ficar com você.” Então, eu vejo isso, me machuca. Pra mim, eu fico pensando que eu gostaria de ver tudo bem, entendeu? Minha filha tanto faz, que nem eu falo pra ela: “Você não precisa casar. Eu acho que você não deve mesmo casar, mas você pode arrumar alguém pra sair, ter a sua vida. Porque você fica em volta da sua filha.” Quando ela sai: “Ai, eu não posso sair porque a Júlia vai chegar, eu preciso estar em casa.” Não tinha que ter isso. Então, isso são coisas que vão me cutucando, entendeu? A minha filha mais nova, o meu genro é maravilhoso, mas ele é bipolar, então, eu vejo muita briga dos dois, e isso me machuca muito também. Então, toda hora que eu rezo, eu rezo: “Tem que dar paz pra minha família.” Porque acho que elas estando bem, eu vou estar bem.

P/1 – Muito bom. Quer falar mais alguma coisa, Lila?

P/2 – Quando você estava falando, eu estava pensando em perguntar uma coisa, esqueci.

P/1 – Do marido?

P/2 – Não, porque eu acho que acontece muito com as mulheres, as mulheres sempre têm que... As mães.

R – Assumir tudo, né?

P/2 – Têm que...

R – Ah, têm que ser enérgica.

P/2 – Dar...

P/1 – O limite.

P/2 – Tem que dar os limites. Será que isso é com... É sempre assim. Eu vejo muitas histórias assim.

R – Mas eu acho errado, eu acho que o casal... E se ele fosse, não digo amigo dela, mas se ele fosse um ex-companheiro normal, que ela falasse pra ele: “Olha, a Júlia está fazendo isso, vamos...” Não, tudo que a Flávia fala que não é pra deixar, ele deixa.

P/1 – Porque quem convive é a mãe, então é mais...

R – Mas, pra ela, quem é o bonzinho? É o pai.

P/2 – É sempre assim. É sempre assim (risos). Então, esses são seus maiores sonhos?

R – O meu sonho maior seria ver os quatro bem, minha neta, minha filha, meu genro e minha outra filha. Eles estando bem, eu estou bem.

P/2 – E como foi contar a sua história para o Museu da Pessoa?

R – Do jeito que vocês fizeram foi fácil. Porque você fica: “Meu Deus, o que eu vou falar?” E pode ser que eu chegue em casa e fale: “Nossa, podia ter falado isso. Nossa...”

P/1 – Eu ia te perguntar isso. Tem alguma coisa que você queria muito falar pra deixar registrado aqui na sua história?

P/2 – Que você não tenha falado. Pare e pense um pouquinho, pode ser que você se lembre.

P/1 – A gente te dá um tempo.

R – Do que eu te mandei escrito, ficou faltando alguma coisa? Você lembra?

P/2 – Não, não. Você falou daquelas atividades extratrabalho, almoço, comemoração, personal trainer, caminhadas, corridas, dia da secretária, churrasco de final de ano. Você bebia nesses churrascos?

R – Eu nunca fui de beber.

P/2 – Não? Tinha brincadeiras?

R – As brincadeiras que tinha no churrasco eram entre o pessoal, nada programado por eles. Começava a brincar, contar piada.

P/1 – Daquilo que você contou, você falou de tudo.

R – Ah, então, tá bom.

P/2 – É. Do teatro, se você lembrar alguma história de alguma peça. Que peças vocês costumavam fazer?

R – Então, normalmente era assim: tudo com aquelas vestimentas antigas, que até o membro que era do Sesi, ele que levava tudo pra gente. E uma pintava a outra, uma arrumava a outra.

P/1 – Seu marido também participava?

R – Meu marido também participava. Eu não era nem casada ainda quando começou. E o coral a mesma coisa. E teve outro coral. Esse era do Alexandre Memmo, que fazia parte do... Que tinha às vezes teatro, às vezes coral. Mas a Colgate colocou um maestro mesmo pra nós lá da USP, que ele ia ensaiar a gente. A gente ensaiava na Colgate, fez algumas apresentações, às vezes em igreja, que tem o coral, às vezes em teatro. Não teve muitos, não, mas teve alguns. Também foi gostoso. Mas não sei se porque o primeiro eu era mais nova e tudo era novidade, eu acho que eu curti mais. Mas o segundo também foi bom.

P/1 – Do coral tem alguma música que você hoje até cantaria?

R – Não sei cantar. Não me façam passar por isso (risos).

P/1 – (risos) Que você cantarola, do jeito que você assoviava lá na fábrica.

R – (risos) E levava bronca.

P/2 – Que tipos de música vocês cantavam?

R – A gente cantava... Bom, tudo era música popular, não era nada lírico, nada disso. Será que eu vou lembrar o nome de alguma? Tem aquele: “Oi, leva eu, eu também quero ir” – que tem a voz masculina, feminina. Tem outra também que eu sempre lembro, que acho que era até do Milton Nascimento. Não lembro. Eu sou ruim pra música.

P/1 – Mas eram brasileiras as músicas?

R – Eram. Então, eu estou dizendo que achei coincidência eu ser chamada, eu e outras pessoas, pra dar esse tipo de depoimento dos 90 anos da Colgate. O meu marido também já não estava mais na Colgate e foi feito o de 80 anos, e ele foi chamado pra fazer. Mas o dele foi tipo um teatrinho. Como ele era muito desinibido, tinha um menininho que levaram, não sei se era artista, não sei o que o menininho era, ele representou como se fosse neto do meu marido. E o meu marido ia mostrando a fábrica, falando: “Olha, antigamente não tinha isso, era assim, assim, assim.” Se eu não me engano, eles gravaram lá na Kolyos. E, depois, parece que de gravação foi só com ele. E esse vídeo depois foi passado na Colgate, muita gente que o conhecia: “Ah, eu vi você, não sei o quê.” Um dia teve um jantar que foi a Márcia da Colgate, o Antônio Carlos, convidaram a gente e mais alguém que eu não lembro, e passaram o filme lá também, nesse lugar que a gente estava. E ele, eu brincava que ele era o Aparecido da Silva, porque ele não se constrangia, não ficava envergonhado, ele falava normalmente. E é como eu digo: se eu vestia a roupa da Colgate, que eu acho que eu vestia a camisa direto, ele muito mais que eu. Nossa. E ele ficou lá quase 43 anos. Eu lembro que, quando eu era mocinha, eu estava na Colgate, tinha um senhor lá, infelizmente já faleceu também, o Seu Ludovico. Eu falava assim pra ele: “Seu Ludovico, quantos anos o senhor tem de Colgate?” – eu vou chutar o que ele falasse pra mim – “Ah, 28” – na época – “Nossa, o senhor tem mais anos de Colgate do que eu de idade”. No final, quando alguém me perguntava na Colgate: “Quantos anos você tem de Colgate?” – e eu dizia o período todo – “Nossa, você tem mais tempo de Colgate do que eu de idade”. Eu falei: “Olha como as coisas vão indo e no fim voltam para o mesmo lugar.”

P/1 – Você tem esse vídeo, Zilda?

R – Eu acho que tenho. Eu vou procurar lá.

P/1 – Sim.

R – E quer que eu te mande?

P/1 – Sim.

R – Mas eu te mando como? O vídeo, vídeo?

P/1 – Depois a gente combina.

P/2 – A gente combina.

R – Tá. Mas primeiro deixe-me ver se acho, pra não passar vergonha, mas acho que eu tenho sim.



P/2 – Então quer dizer que ele era uma figura?

R – A gente já não trabalhava mais, também outra coisa que aconteceu, teve uma convenção de vendas, sei lá do quê. Bom, pra não mentir, não lembro direito onde foi. E nós dois fomos convidados, mas eu estava na praia, eu não quis voltar. Ele voltou, ele foi, e o tema fazia parte dos 80 anos também, por isso que acho que ele quis ir. Tinha a camisa dos 80, tinha uns... Como chama isso? Uns bótons lá. Bom, tinha tudo dos 80. E tinha aquele astronauta brasileiro... Nossa, como é o nome dele, vocês lembram? Esse que faz pouco tempo que se aposentou?

P/3 – Marcos Pontes?

P/2 – Marcos Pontes?

R – Eu tenho até foto dele com o Ermito lá em casa. Se vocês quiserem, eu mando por e-mail, sei lá, por... Ou até por WhatsApp, sei lá o que é melhor. E ele, nessa festa, fizeram várias coisas, ele tirou foto com vestimenta de astronauta, o Ermito, tirou foto com o astronauta de verdade, e tirou foto com aquela Natália, não sei se era Natália Guimarães, que tinha sido Miss Brasil. Ele todo garboso, ela bem mais alta que ele, mas ele se sentiu o supassumo. E ele fazia tudo e não se envergonhava, tudo pra ele era normal. E ele se divertiu, viu?

P/2 – E você ria. Com o quê você ria mais com ele?

R – Ah, às vezes, com as coisas que ele aprontava mesmo. Se ele fosse me contar uma piada, ele começava a rir antes de eu entender, antes de ele terminar a piada, ele já ria. Eu falava: “Você mesmo conta, você mesmo ri, não dá nem vontade de rir.” E todo mundo diz que perguntou: “Mas por que a Zilda não veio?” E ele: “Ah, porque estava com a minha neta.” Estava com a neta mesmo, mas eu estava na praia. Depois pensei: “Poxa, podia ter ido.” Mas na hora eu resolvi não vir. Mas vou ver se acho o vídeo, ou então as fotos, te mando, só pra você ver.

P/1 – Muito bom.

P/2 – Tá bom. Obrigada, Zilda.

P/1 – Obrigada por mais essa história.

R – Eu que agradeço.